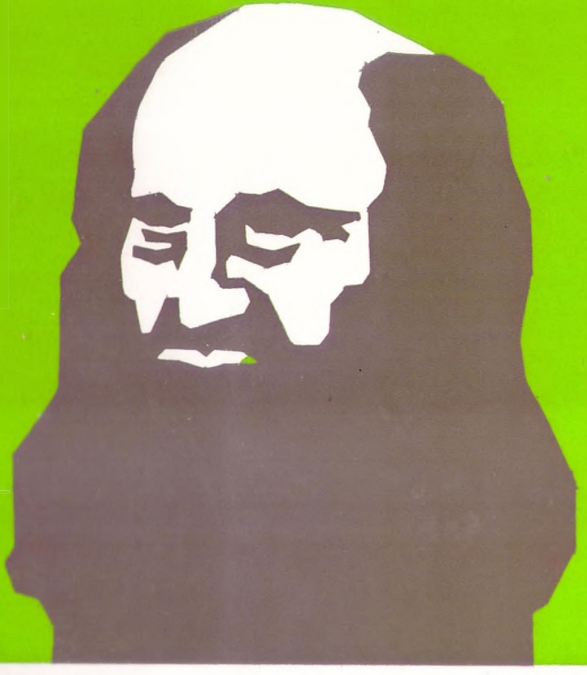
COLEÇÃO LIVROS DO BRASIL

HERBERTO SALES

Na Relva da Tua Lembrança



EDIÇÃO LBL

«O TOM DESENGANADO E A VIOLÊNCIA VERBAL NÃO EXCLUEM O HUMOR RAIVOSO DE UM AUTOR QUE ESCREVE PARA EXORCIZAR SUA ANGÚSTIA E NOS DAR UMA LIÇÃO DE VIDA», ESCREVEU MÁRIO CARELLI A PROPÓSITO DE *NA RELVA DA TUA LEMBRANÇA*. O ROMANCE CONSTITUI, NA VERDADE, PRETEXTO PARA O SEU AUTOR REVELAR, COM NOSTALGIA NÃO DESTITUÍDA DE LUCIDEZ, O QUE UM HOMEM JÁ NO DECLÍNIO DA VIDA PENSA DO SEU TEMPO DE JUVENTUDE. ASSOCIANDO A NOVELA EXEMPLAR À FÁBULA POÉTICA, HERBERTO SALES DESLOCA O LEITOR NUM ESPAÇO MÍTICO E AVISA: «CADA LEITOR, SEGUNDO O QUE CADA UM DELES ACHAR, DIRÁ NO FIM DO LIVRO O QUE ACONTECEU NO LIVRO — E SE ACONTECEU»

Na Relva da Tua Lembrança

COLEÇÃO
LIVROS
DO BRASIL

Na Relva da Tua Lembrança

por HERBERTO SALES

Nascido em Andaraí (1917), Herberto Sales é membro da Academia Brasileira de Letras e tem obras notáveis publicadas nos domínios do romance, do conto e da literatura infanto-juvenil, muitas delas traduzidas para diversas línguas, incluindo o polaco, o russo e o coreano.

«Minha preocupação ao escrever *Na Relva da Tua Lembrança* foi no sentido de me despreocupar convencionalmente com a minha construção romanesca (...) Um romance enfim em que desfiz de propósito tudo que sabia e sei fazer fazendo (...) Sem regras. Ou o seu equivalente: misturando todas as regras, fazendo das regras o que queria e entendia, numa espécie de arrumação desarrumada.»

Este propósito, plenamente conseguido, vai proporcionar ao leitor a entrada num espaço mítico, prendendo-o à lógica linear de uma intemporalidade implacável, graças à audácia de um género híbrido e enigmático, que alia novela exemplar e fábula poética.

As Horas Nuas

Por

LYGIA FAGUNDES TELLES

Uma actriz relembra o passado de glória, de fama, de amor, numa profusão e cadência que rompe com o tradicional espectro da mulher decadente entregue ao álcool, ou da estrela que já foi bela e que não se ajusta à realidade dos anos que passam. O enquadramento deste romance de Lygia Fagundes Telles é a reminiscência tumultuosa, a simultaneidade de planos, do passado e do presente, os diálogos que se passam no interior do espírito e que muitas vezes se fazem contra a lógica narrativa, numa sequência rítmica muito próxima do monólogo intimista.

A crueza e o confronto de recordações que se entrecruzam com o quotidiano, os cúmplices ausentes, uma personagem que rompe com a realidade e que entra no domínio do fantástico, o gato *Rahul*, que também «relembra», que constantemente interfere na narrativa, que monologa, é chave perturbante de um romance que deixa o leitor aturdido e com a vaga suspeita de também ser cúmplice de um desaparecimento.

Na Relva
da Tua
Lembrança

Capa de
A. PEDRO

*

Título da edição original
NA RELVA DA TUA LEMBRANÇA

*

Copyright © 1988, by Herberto Sales

*

Reservados todos os direitos pela legislação em vigor

*

Lisboa — 1991

*

VENDA INTERDITA
NA REPÚBLICA FEDERATIVA
DO BRASIL

COLECÇÃO LIVROS DO BRASIL

Herberto Sales

Na Relva da Tua Lembrança

edição
LIVROS DO BRASIL
Lisboa

«Os anos de um menino são um círculo pequeno; os de um velho outro círculo maior, mas uma vez postos no centro, que é a eternidade, já não há diferença de círculos.»

Padre Manuel Bernardes, *Sermões e práticas* (II-241)

O que aqui se passou, ou que se vai passar, pouco importa saber em que lugar se passou. Pode ter sido em qualquer lugar, desde que nele viva o homem (e seu semelhante). Na medida em que todos os homens são o mesmo homem, todos os lugares são o mesmo lugar. E afinal o homem está em todos os lugares.

Eu estava sentado numa pedra, na beira do rio, pescando. Costumava fazer sempre isto: me sentar naquela pedra e ficar pescando no rio, no pequeno rio que por ali passava. Era tão manso e tão parado o rio, que era como se parado mesmo estivesse. As margens eram cobertas de juncos, salvo num ou noutro trecho, onde a areia dava o ar de sua graça e vinha se refrescar no rio.

A pedra onde eu costumava me sentar

ficava num desses trechos de areia. Muitas vezes imaginava que ela era um barco ancorado ali, e que eu era o comandante do barco. Não estava mais em idade de imaginar coisas assim, ter esses pensamentos de menino. Mas o menino que a gente um dia foi não há meio de largar a gente: fica escondido na memória da gente, fundo e escuro poço sem fundo, onde ele, o menino que a gente foi, de vez em quando vem à tona e fica boiando, como uma flor.

Eu era então um escritor sem leitores, um velho escritor esquecido dos leitores. Há muitas e muitas razões para um escritor que já teve leitores deixar de tê-los; e uma delas é exactamente ele os ter tido sem ter ao mesmo tempo tido perspicácia bastante para saber que não iria conservá-los até o fim dos seus dias. Um problema de fidelidade: o ser humano é por natureza infiel, seja ele leitor ou não.

Por tal forma eu me desencantara da minha própria obra que chegara a ponto de não guardar comigo um só dos meus livros; isto talvez me ajudasse mais depressa a esquecê-los, como já os esquecera o público. Enfim,

ninguém se lembrava mais do passado, nem tinha interesse em se preocupar com o passado. A situação se invertera nos últimos tempos, já havia algum tempo, talvez uma década. A grande preocupação era com o futuro. O passado só fizera criar problemas para os povos, assim pensavam os jovens. Os jovens achavam que nós, os velhos, éramos um grande estorvo para o presente deles, na medida em que o éramos muito mais para o seu futuro. Por isso odiavam o passado, e tudo que pudesse de alguma forma lembrar o passado. Era preciso sepulcrar o passado, enterrá-lo com todas as suas recalcitrantes raízes, com todo o seu mau cheiro de coisa podre e velha. E nós, os velhos, sabíamos disso. E estávamos incluídos nisso.

Naquele dia eu estava como sempre e já disse pescando. Já não tinha outra coisa que fazer, outra ocupação com que matar o tempo, enquanto ele não me matava de todo. Vivia da minha aposentadoria, como quase todos os outros velhos; alguns moravam com a família, com os filhos, os netos. Mas a família achava que atrapalhávamos muito a vida da casa com a nossa presença de velhos parasitas. De

alguma forma nós os velhos éramos todos parasitas, porque não tínhamos já o que fazer, uma ocupação, um emprego.

De repente ouvi me chamarem:

— Aleixo! Aleixo!

Voltei-me com os meus olhos cansados, miúdos olhos de míope: sem os óculos eu não seria capaz de reconhecer alguém a mal medidos cinco metros de distância. Estava de óculos; nunca me afastava deles; até mesmo ao ir para a cama deixava-os ao alcance da mão, debaixo do travesseiro.

Era Miguel Pompa que me chamava. Viera para isto até ali. Sabia que naquela hora eu estava sempre ali.

— Bom dia, Aleixo.

— Bom dia, Miguel.

— Me desculpe por ter vindo interromper sua pescaria.

— Pescaria? Estou apenas matando o tempo. Não pesquei nenhum peixe até agora.

— Vamos fazer uma reunião daqui a pouco, às dez horas. O pessoal já está se reunindo.

— Onde vai ser a reunião?

— Nas ruínas do convento. No antigo subterrâneo do convento.

— Por que escolheram esse local?

— É mais discreto. Dá menos na vista.

Esse pormenor importava muito. Embora a princípio nós nos reuníssemos em qualquer lugar (na calçada da avenida Oeste, por exemplo, a situação mudara. Já não nos reuníamos apenas para enganar a nossa solidão de velhos, jogando na calçada da avenida Oeste os nossos melancólicos baralhos de velhos. Tínhamos agora assuntos a discutir. Tínhamos rpoblemas que tratar. E era preciso que fizéssemos isso sem que os nossos filhos soubessem. Tínhamos que nos esconder. As ruínas do convento eram para isso um bom lugar.

Já estavam lá uns dez ou doze dos nossos. Miguel Pompa foi dizendo quando chegámos:

— Trouxe Aleixo comigo. Podemos começar a reunião.

Sentámo-nos como podíamos, e onde podíamos. Nuns velhos bancos de pedra, onde nos tempos do convento deviam sentar-se os monges. Os bancos davam para todos nós. Sob uma arcada ainda de pé havia um bloco de

pedra das ruínas, uma escura e velha pedra remota, pedaço remoto do tempo. O professor Romão, andando com dificuldade, foi no entanto sentar-se lá. Ficou de frente para nós, como numa tribuna. Tinha sido director de uma escola, até aposentar-se aos 65 anos. Estava beirando os 75. Uma lúcida cabeça branca. Andava apoiado num bambu, tosca e improvisada bengala. Não havia mais bengalas, como antigamente.

O professor Romão começou a falar. Uma velha fala entremeada de pigarros. De resto, todos nós tínhamos o nosso pigarro. Pigarreávamos, e pigarreando íamos, como num entrecortado coro de silêncio.

Foi assim que começou a falar o professor Romão:

— Companheiros. Hoje meu filho me perguntou onde estávamos nos reunindo agora para o nosso joguinho de baralho. Não era mais na calçada da avenida Oeste. Onde seria então? Respondi, dizendo que estávamos nos reunindo em pequenos grupos de três e de quatro, em casa de cada um de nós, variando de casa. Ele me censurou. Condenou isso. Disse

que estávamos com o nosso joguinho de baralho criando transtorno para a família de cada um de nós, em cada casa onde nos reuníamos. Eu não pude contestar. Meu filho tem sempre razão. Fiquei calado, sacudindo a cabeça. Sacudindo pensativamente a cabeça. Pensando que eu já não valia mesmo nada. Sobretudo para meu filho. Terá acontecido alguma coisa semelhante com vocês?

O velho Omar fez um sinal com a mão. O velho Omar. Velho, sim. De resto éramos todos ali uns velhos.

— Um dos meus filhos me perguntou onde estávamos agora jogando. Eu lhe disse que era em casa de cada um de nós. Num revezamento. Ele me fez outra pergunta. Perguntou por que tínhamos deixado de jogar na calçada da avenida Oeste, um lugar tão sossegado. Eu disse a ele que tínhamos deixado de jogar lá porque eles, os jovens, ficavam troçando da gente. Olhando para a gente como se fôssemos diferentes deles.

— E em verdade somos — eu disse. — Somos velhos. Eles são jovens. E os jovens

nunca se lembram que um dia também envelhecerão.

— Quando eu era jovem — disse o cavaleiro Perlino — sempre pensei, quando via um velho, que os velhos já nasciam velhos.

— Continue, Omar — disse o professor Romão. — Que disse mais seu filho?

— Ele disse assim: por que vocês não vão jogar o baralhinho de vocês na floresta de pinheiros? É um lugar isolado, deserto. Lá ninguém vai incomodá-los. E afinal vocês podiam jogar debaixo de um pinheiro, na sombra. Podiam levar talvez um banquinho de armar. Então eu disse que ia levar a sugestão aos meus companheiros. Que a gente ia pensar na sugestão.

— A verdade é que os nossos filhos não querem que continuemos a jogar em casa deles. Porque embora moremos com eles, a casa é deles. O revezamento das casas não deu certo. Eles simplesmente não nos querem ver em casa deles. Com revezamento de casa.

Isso foi o que disse o cavaleiro Perlino, que pegara tal apelido por causa de sua mania de cavalos. Embora já não montasse mais, nem

cavalos tivesse, tinha contudo conservado dos velhos tempos o apelido. Cavaleiro Perlino.

Houve um breve silêncio. Olhávamos uns para os outros, olhávamos para o chão. Para alguma coisa tínhamos que olhar. E a escolha não era muita. Não tínhamos muito que escolher para onde olhar.

— Tenho a impressão que alguma coisa está mudando — disse o velho Tobias, com uma pequena alegria brilhando miudinha nos vidros dos óculos. — Os filhos de Justiniano levaram ele para passar uma temporada fora.

— Temporada fora? — perguntou o professor Romão.

— Fora, onde? — quis saber Omar.

Tobias encolheu os ombros. Não sabia. Contudo haveria de ser um lugar agradável, no campo, com muito leite, ovos, uma lagoa pra pescar. Um lugar como se fosse para uma pessoa passar mesmo férias. Assim ele pensava.

Ficámos calados. A risonha ideia que Tobias fazia do lugar onde levado pelos netos devia estar agora Justiniano em verdade não nos impressionou. Contudo nos surpreendeu. Por que Justiniano não falara a nenhum de

nós dessa temporada que ia passar fora?

— Certamente não teve tempo — disse Tobias. — Há de ter sido uma coisa resolvida de uma hora para outra.

De uma hora para outra. Por que não? Isto nos pareceu absolutamente natural.

— Que acham da sugestão do meu filho? — perguntou Omar.

Afinal era preciso alguém perguntar alguma coisa.

— Falo — continuou Omar — da sugestão de fazermos o nosso joguinho de baralho na floresta de pinheiros. Já que não querem que continuemos a jogar em casa, revezando de casa, temos de escolher outro lugar para jogar.

— Na floresta de pinheiros venta muito — lembrei.

— E por que não jogamos aqui nas ruínas do convento? — propôs o cavaleiro Perlino. — Se nos reunimos aqui para discutir os nossos problemas, também podemos nos reunir aqui para jogar. Afinal o nosso joguinho de baralho não deixa de ser um problema. Temos de resolver este problema: onde iremos jogar de agora em diante?

— Na avenida Oeste havia as mesinhas do bar — disse o professor Romão. — E aqui, em cima de que iremos jogar? Evidentemente precisamos de umas duas ou três mesinhas.

— Uma mesinha eu arranjo — disse o cavaleiro Perlino. — Há uma mesinha velha no depósito lá de casa, quer dizer, da casa de meu filho. É uma mesinha que já não serve para nada. Mas para o nosso joguinho serve.

— Qualquer coisa serve para nós — eu disse.

E o professor Romão ficou de também arranjar uma mesinha. E Omar disse que arranjava outra. Não precisávamos de mais mesas. O problema das mesas estava resolvido.

Demos por terminada a reunião e cada um de nós foi para o seu canto. Ainda podíamos fazer isso.

OUVES? Não é o trovão da madrugada; o ronco agressivo e mortal de uma nova guerra, o relincho da besta do Apocalipse correndo desembestada em tropel nas sombras. Não, não é nenhuma dessas ruidosas e terríveis coisas, no eco de um assombro em marcha pela noite adentro. São eles. Não estás ouvindo? Que outra coisa podia rugir de tanta raiva e de tão raivoso ímpeto, cavalgada mecânica de patas de ferro e roncos, que vem assim destroçando o silêncio com chifradas de pesadelo? São eles. Então, já ouves? E vêm eles vindo. Quantos serão eles? Não dá para contar. Eles vêm numa acesa e áspera rajada de zumbidos de faróis, cabeçudos besouros nocturnos zumbindo, bindo, bindo, bondo. Todo um só e múltiplo marimbondo. Vejo-os passar, de volta da universidade, pelos atalhos da noite drogada,

desembocando como uma grossa lava em fogo no asfalto da avenida Leste. É a mesma coisa toda noite. Levanto-me, zonzo, a cabeça como uma bomba ardente que explodir de ruído fosse, vou fechar a janela. Para abafar o ruído. E enquanto a janela fecho, vejo golpeando a fresta passar a louca sarabanda de motocas, os motoqueiros cavalgando os seus rebeldes potros empinados, que tudo escoiceam com os seus coices de rumor e luz. De vez em quando rompe da metralha insone como um grito de guerra o berro do tropel: Porra! É vêm eles. São eles. Para onde correrá com tanta pressa essa apressada gente? É a juventude em marcha. Mas para onde? Todos sabemos que eles estão correndo do passado. Mas se correndo do passado estão, para o futuro eles não estão correndo. Em sua louca corrida tudo que querem é deter o presente. Domar o presente, cercando-o com os roncos e rabeios das suas indóceis motocas. Talvez estejam apenas correndo em volta de si mesmos, como dentro do aquário corre o peixe. Ou como um grande peixe insano corre em volta de si mesmo no mar o submarino amarelo.

ENCONTRO Tomás quando ele e eu atravessámos a ponte. A ponte por baixo da qual corre como se não corresse o rio do nosso burgo. Um largo tapete escuro, mole e húmido: o rio. Tomás carrega como um fardo um ar de perplexa tristeza. Quer saber quando vai haver outra reunião. Não sei, Tomás; não sei. Miguel Pompa é quem sabe. É ele que organiza as reuniões. É o encarregado de organizá-las. Avisa a gente. Tomás não pôde ir à última reunião. Faz questão de explicar o motivo. O motivo de qualquer coisa é uma coisa que a gente sempre tem. Tomás não foi à última reunião (sabia que ia ser nas ruínas do convento) porque passou o dia inteiro trancado no quarto. No quarto dos fundos, que é de resto na casa o seu quarto. Não queria ver

o filho. Ou melhor não queria ser visto pelo filho. De madrugada tinha havido no dia aquele da reunião uma cena. Despertou com o barulho das motocas. Ouviu quando o filho chegou, foi espiá-lo pela porta entreaberta. Mauro, Mauro, que barulheira vocês fizeram hoje! Acordei assustado.

— O quê?

— Acordei assustado. Assustado com o barulho.

— Que barulho?

— O barulho das motocas. Hoje foi de mais.

— Vai dormir, velho.

— Agora já não tenho mais sono.

— O quê? Fala mais alto, velho.

— Agora... Não, não é nada não. Não falei nada não.

Deixou Mauro na cozinha preparando uma dose de uísque. No *freezer* aberto as formas de gelo eram mal comparando um canteiro de gerânios brancos numa janela iluminada. Voltou vagaroso para o quarto.

— Boa noite, Mauro.

— O quê? Tu estás falando muito baixo, velho.

— Boa noite. Boa noite, Mauro.

— Vai dormir, velho.

Procuro tirar Tomás da sua perplexa tristeza. Esquecesse a cena. Afinal era apenas uma cena a mais, no dia-a-dia da gente, com a família da gente. Tomás não se conforma. Há uma mágoa boiando no fundo dos seus olhos cansados de ver as coisas. As coisas da vida, do mundo. Acha que já devia ter morrido. Para que viver? Já vivi de mais. Está na hora de morrer.

— Não, Tomás, que tolice! Nunca há uma hora de morrer.

— Como não há? A gente nasce para morrer. É o fim de todos nós.

— É o fim de todos nós, mas não é o fim de cada um de nós.

— Como?!

— A morte da gente é uma coisa. A morte dos outros é outra coisa.

— Não te entendo, Aleixo. Afinal tudo dá no mesmo. É sempre a morte. Da morte não escaparemos nós, nem os outros.

— Está bem, Tomás. Só lhe digo é que em qualquer circunstância a morte do homem é uma sacanagem de Deus.

Sigo o meu caminho. Tomás segue o caminho dele. Vou para um lado da ponte, ele vai para o outro lado. A ponte nos separa. Mas em algum lugar voltaremos a nos encontrar. Talvez nas ruínas do convento. Talvez... Não. Para que pensar na morte?

GERMAINE, a velha Germaine. Ela foi minha namorada, em antigos e passados dias da vida. Mas ainda havia uns restos de namoro nas lembranças que tínhamos um do outro. Ficávamos às vezes evocando em nossas conversas essas lembranças. Era como se atiçássemos um borralho. As lembranças se acendiam num fogo pálido. E ficavam piscando e apagando. Germaine. No outrora de um dia ela chegou de Paris, muito branca e muito loura. Paris. Que é mesmo Paris? Um lugar qualquer do mundo, que aliás é um só lugar. Passou o tempo e Germaine envelheceu. Envelheceu e envelhecendo foi.

— Parabéns pra você!

Quantas vezes? Oh, o estribilho inumerável. Parabéns pra você. Parabéns pra você.

Germaine todavia não casou comigo. Casou com Leôncio, que aliás já se foi deste faz alguns anos. Talvez dez anos. E deixou Germaine já velha, com dois filhos e três netos. Aritmética familiar. 3 e 2 = 5, com ela 6, noves fora o marido. Que idade teria Germaine? 75, talvez 76, talvez 81. Francesa velha é mais velha que qualquer velha.

Fui ver Germaine, ia passar perto da casa dela e aproveitei para ir vê-la. Já fazia bem uns três meses que eu não a via. Ela morava só. Francesa velha gosta de solidão, desde que possa repartir a sua solidão com um gato. Com um velho e gordo gato. Ou com um velho cachorro solitário como ela.

A casa estava fechada. O vizinho me explicou. Ela, a velha Germaine? Foi passar uma temporada fora.

— E o gato? — perguntei, numa preocupação inútil com o gato, nem sei mesmo por que perguntei.

— Ela levou o gato.

— E ela, quando volta? Vai demorar de voltar?

— Não sei. Ela não disse.

— Quer dizer que ela foi passar uma temporada fora.

— Isso mesmo.

Fui em frente, deixei atrás de mim a casa de Germaine. Que coisa estranha aquela casa assim fechada em si mesma, como num segredo. Fechada em si mesma, como guardando um segredo. Sem Germaine e sem o seu gato dentro. O gato que tinha também um nome francês: *Bijou*.

Encontro na praça o filho de Germaine, que é oficial da Milícia. Conheço-o desde menino. Mas ele já não gosta de conversar comigo. Só o rigorosamente necessário, bom-dia, boa-tarde, a escassa cordialidade dos cumprimentos inevitáveis. Ouso um pouco dessa vez, Cláudio, quer dizer, capitão Cláudio, a Germaine viajou? Soube que ela foi passar uma temporada fora.

— Quem te disse isto?

— O vizinho dela me contou.

— Sim; ela foi passar uns tempos fora. Vai ser bom para ela.

— Mas, onde assim? Na montanha, na praia? no campo?

— És mesmo muito curioso, hem, velho? Aliás todo velho é curioso.

— Não perguntei por mal.

— Mas perguntaste à toa. Pra quê? Só te digo é que vai ser bom para ela.

— Ela vai-se demorar?

— Sim... Enfim isto vai depender dela. Olha, estou muito ocupado, tenho agora mesmo um compromisso. Não sou como tu, que já não trabalha. Tens uma boa vida, velho.

E lá se foi embora pisando duro o filho de Germaine. Cada vez mais duro. Quando menino não era assim. Chamava Germaine de mãezinha, e me chamava de tio. Tio Aleixo.

EU estava voltando da minha pedra na beira do rio, onde eu pescava. Mas naquele dia não fui pescar. Fui apenas me sentar na minha pedra. Queria ler. E a minha pedra era um bom lugar para ler. De vez em quando eu levantava do livro os olhos, olhava, via o céu, via o rio passando como se não passasse, via um pássaro voando. Era tudo belo, simples, o que é simples é sempre belo.

Eu já não escrevia mais. Mas gostava de ler. Uma boa coisa a leitura, desde que o livro que se lê conte uma boa história. Boa coisa é a leitura. Principalmente a releitura. E eu tinha estado em verdade relendo. Relendo um livro hindu que mais de uma vez relera. Uma boa história.

Encontrei Miguel Pompa. Já ia me pro-

curar na beira do rio. Então, eu estava voltando mais cedo? E o caniço, o anzol? Não, eu não estava pescando. Estava lendo. Lendo um velho livro que eu costumava ler.

— Sabe, Miguel, este livro conta uma boa história. É a história dos homens, de todos os homens, que depois de mortos se transformam em estrelas.

— Que estranha história é essa?

— É uma história. Em verdade não são os homens que se transformam em estrelas, mas as almas deles. Toda estrela é de certa forma uma alma que subiu para o céu depois que morre o homem cujo corpo ela habitava.

— Você acredita nisso?

— Não precisa acreditar. A gente não lê um livro para acreditar no livro. A gente acredita é na lembrança que a leitura do livro deixa na gente. A lembrança de uma boa história. Mesmo que a história seja apenas uma boa mentira.

— Mas, todos os homens?

— Todos os homens. Quer dizer: as almas de todos os homens.

— Então isto é uma terrível história.

— Uma terrível história, mas também uma bela história. Almas virando estrelas. Não há nada de mais belo que almas e estrelas. Almas e estrelas, que coisas belas. Belas e misteriosas.

— E as almas, ficam transformadas em estrelas pelo resto da vida?

— Que vida?

— A vida das estrelas.

— Não, as almas dos homens permanecem estrelas por um tempo, um tempo proporcional às boas acções de cada homem na terra.

— É mesmo uma bela mentira. Que coisa mais mentirosa! — disse Miguel Pompa.

— As estrelas? — perguntei.

— Não.

— As almas?

— Não. As boas acções.

— Ah...

Miguel estava muito cáustico. De repente ele me disse que tinha sido mesmo muito bom haver me encontrado. Esperava me encontrar no rio, pescando. De toda maneira me encontrara. Queria saber onde estava morando Emílio, o pintor. O velho Emílio Abelana-Martim.

Então, não sabia? Emílio estava morando no bosque, no fundo do vale. Sim, no bosque dos Olmos, no vale das Pedras Brancas.

— Desde quando?

— Faz bem uns três meses. Ele tem lá uma cabana. Levou para lá o cavalete, tintas, telas. Está pintando. É um bom lugar para um pintor trabalhar.

— Ah, por isso ele não tem vindo às nossas reuniões.

— Mas precisa vir. Você tem de chamá-lo, Miguel. Afinal ele não está sabendo de nada. Não está sabendo que agora estamos nos reunindo nas ruínas do convento.

Claro que Miguel Pompa ia chamá-lo. Queria me encontrar para poder tratar disso, para fazer isso. Lhe haviam dito que eu sabia onde Emílio estava morando. Que sorte me encontrar ali. Teria perdido tempo se fosse me procurar na beira do rio.

— E quando vai haver outra reunião?

— No dia 7, quinta-feira. Sempre em datas e em dias ímpares.

— Sei. Assim combinámos.

— Dias ímpares... datas ímpares... Em

verdade não sei por que combinámos que seria assim.

— Talvez só para combinarmos alguma coisa — eu disse. — Para tudo tem que haver uma combinação prévia, uma regra. Envelhecemos, mas continuamos escravos das regras. Já não trabalhamos, mas precisamos seguir de alguma forma uma regra.

— É uma explicação — disse Miguel. — Mas, por quê datas ímpares, dias ímpares? Podia ser também nas datas pares, nos dias pares.

— Assim a reunião seria todos os dias. Seria em todas as datas. Talvez ficasse uma coisa vulgar Digamos que não houve nenhuma razão para isso. Ou que houve uma razão misteriosa. Afinal as nossas reuniões são secretas. E o que é secreto é de alguma forma misterioso. Mesmo em nossa idade, acho que a vida só tem graça com uma ponta de mistério. Um mistério que em nossa idade está aliás perto de se desvendar.

Miguel Pompa sorriu. Com a nossa conversa não estávamos nós ficando muito misteriosos? Enfim, estava desfeito o aparente mis-

tério da ausência de Emílio, o pintor.

— Cheguei até a pensar que ele também tinha ido passar uma temporada fora, levado pelos filhos. Com alguns de nós está acontecendo isso.

— Mas não com Emílio — objectei. — Emílio está morando numa cabana no bosque dos Olmos, pintando.

— Bosque dos Olmos. Sei onde é — disse Miguel. — Só não sabia é que ele estava lá.

— Foi para lá pintar. Deve estar pintando bonitas coisas.

— Vou agora mesmo ao encontro dele. Quero pedir a ele que não deixe de vir à nossa próxima reunião. Ele precisa saber o que está acontecendo.

— Mas, até lá é uma boa caminhada, Miguel. O bosque é um pouco longe.

— Não tem importância. Estou mesmo precisando de uma boa caminhada. Em nossa idade precisamos andar, caminhar. Desde que haja um bom pretexto para isso. E esse pretexto tenho eu agora. Vou ver Emílio.

Miguel Pompa seguiu para o vale dos Olmos, andando e andando. Ia com um cajado,

como um pastor. Eu fui acabar a leitura do velho livro que costumava ler. As almas dos homens se transformando em estrelas, embora não para sempre. Tudo dependia das boas acções de cada homem na terra. Uma bela história. Talvez apenas uma bela mentira. O céu estrelado de almas.

ERA de manhã, domingo, eu vinha andando pelo cais. Uma lancha passou como uma gaivota voando em cima dágua, nágua, deixando nágua o resto de um zumbido branco. Eu gostava de dar pelo cais a minha caminhada domingueira, era bom andar, pegar um pouco de sol caminhando pelo cais O rio, mesmo parecendo que não ia, ia com a gente, carregando nas costas a sua água parada.

Ouvi me chamarem, me voltei, era o cavaleiro Perlino. Vinha apressado, no possível temor de não me alcançar. E então? Também costumava caminhar pelo cais nas manhãs de domingo. E eu nunca o vira. Que estranho. É que ele vinha mais tarde. Viera mais cedo nesse dia. Fora uma sorte. Me encontrara, que bom.

— Quando vai ser a próxima reunião?

— No dia 7, quinta-feira — ele responde. — Como sempre, em datas e em dias ímpares.

— Sei disto. Disto sabemos todos. Conversei outro dia com Miguel Pompa sobre isto.

— Afinal Miguel conseguiu encontrar Emílio, o pintor, hem? Me disse que graças a você. Você sabia onde Emílio estava morando. Que estranho, Emílio ir morar no bosque dos Olmos, um desterro.

— Ele está lá pintando. Depois volta.

— Mas Miguel me disse que ele vive lá sozinho. Já pensou se de repente, de noite, ele sentir alguma coisa sozinho, naquele desterro?

Na calçada do cais havia um grupo de jovens. Uns seis ou oito jovens. Talvez dez. Eles estão sempre assim juntos, só andam juntos, como se fossem um só. Tudo igual. A mesma roupa, os mesmos sapatos de borracha, colectivo ser uniformizado, imaturo cacho humano, patota. De longe sentimos já o surdo rilhar da hostilidade deles.

O cavaleiro Perlino achou que era melhor voltarmos.

— Eles não nos suportam. Acham que estamos ocupando lugar, como uns trastes velhos.

Querem de alguma forma se livrar da gente. Tenho medo que me façam alguma coisa, sei lá o quê — adiantou o cavaleiro Perlino.

Não, não era preciso voltarmos dali, eu disse, e dizendo fui. Vamos continuar a nossa caminhada até a ponte dos Arcos, lá adiante. Tudo que teremos de fazer é descer da calçada, quando chegarmos perto deles. Depois subiremos de novo na calçada. E pronto. Estaremos livres deles, e eles livres da gente. Tudo se reduz a um problema de evitar que nos veja quem não nos quer ver, eles não nos querem ver. Vamos. Vamos descer da calçada. Passar por eles sem olhar para eles, como se não os estivéssemos mesmo vendo. Disfarçadamente. Vamos, agora.

E passando fomos, olhando para o outro lado, olhando para a frente. Mas, saídas do grupo como latidos de cães no encalço dos nossos ouvidos, ouvimos coisas assim: Vai te foder. Porra. Não enche. Porra. Evidentemente eles estavam conversando.

— Já não trabalhamos, não estamos ocupando o emprego de ninguém, mas ainda

assim eles não se conformam — disse o cavaleiro Perlino.

— O problema não é a gente não estar ocupando o emprego de alguém — eu disse. — O problema é simplesmente estarmos ocupando um espaço físico, no meio deles. Isto os incomoda.

— Já não se pode envelhecer!

— É isso aí. Estamos pagando um preço muito caro por nossa longevidade. Em todo o caso eles também envelhecerão.

— Nenhum jovem sabe que vai envelhecer. Com a gente não foi assim? É engraçado. Mas quando se é jovem ninguém nem desconfia que um dia vai envelhecer.

Era assim, e não era, no nosso tempo de jovem era diferente, as pessoas não viviam tanto, não tardavam tanto na vida. Tinham de ir embora, iam embora. Enfim era uma sociedade diferente, uma vida diferente. Talvez nesse tempo até fosse pior que hoje. Talvez houvesse melhorado. Mas o pior melhorado é sempre pior do que era antes. Era assim como o ódio. Quando o ódio volta, volta com mais ódio ainda.

— Quer dizer então que Emílio vai à próxima reunião? — perguntei de repente.

Já nos tínhamos distanciado muito dos jovens. Estávamos de novo o cavaleiro Perlino e eu mais perto de nós mesmos, dos nossos assuntos. De toda maneira os nossos assuntos nos diziam tanto respeito a nós mesmos quanto nos diziam respeito os jovens. Eles eram de certa forma o nosso assunto.

Emílio iria à reunião, assim ele prometera a Miguel Pompa. Quem não iria à reunião era Tomás.

— Tomás?

— Tomás. Não vai poder ir.

— Mas, que houve com ele? Ainda há poucos dias estávamos conversando.

— Ele foi passar uma temporada fora. O filho o levou. Tomás não está aqui agora.

— E não me disse nada...

— Parece que foi uma coisa resolvida de repente. O filho não disse a ele nada antes. Certamente queria fazer uma surpresa ao pai. E certamente fez.

— Já é o quarto ou quinto dos nossos que sai para essas temporadas fora. Sempre leva-

dos por um filho, pelos filhos. Agora foi Tomás.

— Acho que é bom. É sempre uma mudança de ar — disse o cavaleiro Perlino. — Mudança de ar, de ambiente... Acho bom. Se um dos meus filhos quisesse me levar, bem que eu ia. Era sempre uma temporada em que eles podiam descansar de mim.

Contei-lhe da velha Germaine, da sua casa fechada, onde ela morava sozinha com o seu gato. O gato *Bijou*, ronronando no colo dela, no carinho dela. No caso de Germaine não teria havido o problema de ela sair para deixar descansar da sua presença a casa, os filhos. Morava sozinha. E daí? Sempre haveria o filho. De alguma forma devia ter sido bom para ela. O cavaleiro Perlino não estranha que também Germaine tenha ido passar uma temporada fora. Quem sabe no campo? Era uma boa coisa o campo, com as suas manhãs, os seus mugidos, o gado pastando, o sol alegrando as coisas simples, tudo verde. O cavaleiro Perlino achava bom. Claro que ele também iria. O filho não precisava falar com ele duas vezes. Ele faria a sua malinha e ia, alegre como no

tempo de menino, nas férias, com os seus brinquedos, as suas coisas, o seu blusãozinho de couro. Toda manhã cavalgava no cavalinho branco, igual ao príncipe da história, num reino só e só dele. Que bom lembrar-se agora dessas coisas. Um dia fora um menino, parecia até mentira, invenção de velho. Um dia tinha sido menino. Indo para uma temporada fora havia de se sentir de novo menino. Ainda que um menino velho.

Como dois meninos velhos nos separámos na ponte dos Arcos. Como no tempo da escola, de volta da escola.

EIS que interrompo a narrativa esta que ora narro, para aqui contar um sonho.

O qual tem aliás muito que ver com esta narrativa.

Só que não sendo esta narrativa um sonho, o sonho aqui se faz narrativa, embora tenha sido apenas (como foi) um sonho.

Um sonho dentro de uma coisa real.

Foi um sonho que eu tive ontem à noite com Germaine: um longo e estranho sonho.

E sonhando eu via em sonho as coisas, como se as coisas eu estivesse vendo fora do sonho: uma coisa realmente estranha, conquanto uma bela coisa.

E o que eu primeiro vi foi isto:

No meio de umas flores vermelhas e ama-

relas, a cabeça de uma menina sorrindo;

e a menina foi saindo do meio das flores, primeiro a cabeça e depois o corpo todo;

e já agora (e logo) menina já não era, mas sim uma mocinha magra e alta no meio de um trigal, alongada haste em pendão;

e ela veio e veio andando e sorrindo, os cabelos escorrendo sol;

era Germaine, eu a reconhecia então, reencontrando-a nos longes da minha ternura adolescente, em nossa adolescência compartilhada, água da mesma bilha;

e de repente ela se sumindo foi e desapareceu, levada pelo vento, assustada flor na boca de um dragão;

e o dragão era ao mesmo tempo vento e monstro;

e vi então um grande prado sem fim;

era um não acabar de chão num não acabar de verde;

e olhando para a frente e para os lados, para toda parte olhando, não via eu senão o vasto campo imenso e todo, coberto todo de relva;

e tudo que alcançavam os meus olhos, e a minha vontade de ver alcançava, era sob o sol o largo campo verde: intocada messe de ensolarada relva;

e não ouvia cantar o pássaro, nem ouvia cantar o vento: no ar só o silêncio tremulava;

mas eis que de repente vi no horizonte um grande arco branco;

tinha a imponência triunfal de um arco romano, desvestido contudo dos símbolos e dos adornos do triunfo: era só e só um bloco simétrico e nu de mármore branco, o arco vazado num fundo de céu;

e vi que um vulto se encaminhava para o arco, morosamente e só;

e voltou-se para mim o vulto, e vi que era uma velha andando;

ah, e o vulto era Germaine, não mais a menina nem a mocinha, mas uma velha, não mais as flores nem o trigal, mas uma réstia de luz branda tremeluzindo na relva;

acenou para mim, e desapareceu sob o arco, lembrança dissolvida no ar.

Foi este o sonho que tive com Germaine. Prometi a mim mesmo que lhe contaria o sonho quando ela voltasse da temporada fora. Um estranho sonho, tocado talvez da asa esquiva de um mistério.

EMÍLIO, o pintor, deixou o seu desterro voluntário no bosque dos Olmos, e como prometera compareceu à reunião. Em nenhum momento duvidei que ele viesse. Emílio era o que na vida costumam chamar as pessoas um homem de bem. Ele disse a Miguel Pompa que viria, e veio. Talvez só tivesse mesmo vindo porque havia prometido vir. Como homem de bem, era um homem que cumpria a palavra.

Emílio estava em muito boa forma física para a sua idade. A velhice só estava nos seus cabelos brancos, que em desalinho insone flutuavam no silêncio. Veio de bicicleta do bosque dos Olmos até as ruínas do convento, onde já me encontrou. Eu e o professor Romão fomos os primeiros a chegar. Depois começaram a chegar os outros, trazidos pelo vento.

Algumas comunicações foram feitas, todas sobre o mesmo assunto: novos companheiros nossos tinham sido levados para fora pelos filhos. Um assunto que já perdera a novidade. Já nenhum de nós estranhava essas partidas inesperadas, das quais só ficávamos sabendo depois. Quantos dos nossos já haviam ido para fora? Com os últimos mencionados na reunião (Miguel Pompa contou) eram já 12. Aliás, 13, contando com Germaine. Por enquanto era a única mulher, no grupo de velhos que tinham ido para fora, de férias, sabia-se lá: de férias?

— Acho que a situação nossa está melhorando — disse o professor Romão. — Essa é a impressão que tenho. Lá em casa pelo menos os meus filhos estão me dando mais atenção. O meu filho mais novo, Genosino, me chamou ontem para ir com ele à universidade, coisa que nunca fez antes. Em geral, ele até o dia esse não gostava de ir a nenhum lugar comigo. Eu estava farto de saber disso, não ia me iludir mais, achando que as coisas podiam um dia mudar. Mas não é que mudaram? Que estão mudando? Meu filho me chamou para irmos

juntos à universidade. Não tinha mais vergonha de mim, Foi uma coisa que me comoveu.

Mas, universidade, por que logo a universidade, comentamos sem entender, nos olhando nos olhos uns dos outros, em busca talvez de uma resposta, numa dúvida. A universidade era para nós uma praça de guerra. Lá estavam atrás das suas muralhas os nossos inimigos, nos guerreando com os seus gritos pontiagudos, que num fulgor de espadas reverberavam o sol. Já não havia lá professores velhos, como nos tempos em que os velhos não éramos nós, porque então éramos nós os jovens. Nenhum velho ia até lá agora, a universidade era um bastião interdito aos velhos, que nem passar podiam diante da sua grande porta cinzenta, que não era cinzenta nem era porta. Era só um berro.

O professor Romão estava como mergulhado no propósito de levar adiante o que contava: as coisas estavam mesmo mudando, disse, num júbilo perplexo. Para mim, então, que em outros tempos fui professor (disse ele) foi uma experiência fascinante ir conhecer por dentro a universidade. Tudo graças à bon-

dade do meu filho. Tão gentil, o meu filho; me levou até à universidade para eu ver o que vi e o que queria me mostrar. Havia chegado um novo robô, uma beleza. Meu filho me levou até a sala de aula e me mostrou em cima de um estrado o novo robô. O robô acendia umas luzinhas, levantava os braços, movia a cabeça, falava. Em outras salas havia outros robôs, fui vendo, meu filho ia me mostrando tudo, e dizia assim: Hein, velho, bem diferente do seu tempo, não é mesmo? E é mesmo diferente, eu vi, meu filho me mostrou. Na universidade não há mais professores. As aulas são dadas pelos robôs. Quando os estudantes não entendem direito uma coisa, é só apertar o botão que o robô repete. Repete, repete, e repetindo vai, até que o estudante entenda. No seu tempo era bem diferente, hem, pai? Professor tinha de decorar tudo, pra poder ensinar aos alunos. Tinha de ter memória de elefante, hem, dizia meu filho, tão gentil, tão carinhoso. E depois de me mostrar os robôs na universidade, me levou de volta para casa, me acompanhou até a porta de casa. As coisas estão mudando, sim; as coisas estão mudando, e eles

estão mudando. O meu filho mudou. É hoje outra pessoa. De uma semana para outra. Tão bonzinho, o meu filho.

Ouvimos toda a história que nos contava o professor Romão, sobretudo com pena dele. Sua alegria nos parecia grande de mais para o que de tão pouco lhe fizera o filho, e isto nos dava realmente pena. E cada um de nós também não seria digno de pena? A pena, essa pena difusa e disseminada ali nas ruínas do convento, era uma espécie de coisa cega nos olhando todo o tempo.

Então resolvi contar o sonho que tive com Germaine. Todos à minha volta pareciam escutar com interesse. Mas, quer dizer então que Germaine fora também levada para fora, como os outros velhos, as outras pessoas, nossos companheiros de velhice. E eu sonhara com ela, que engraçado. As andorinhas voavam por cima de nós, trabalhando no ar, ondulante campo do seu ofício. Mas ninguém lhes prestava atenção, toda a atenção era para o sonho que tive com Germaine, e que eu contava muito preocupado com as minúcias, como se estivesse dispondo em cima de uma mesa os

blocos coloridos de um brinquedo de armar. O campo coberto de relva, uma silenciosa relva encharcada de sol e de verde, e ao fundo o grande arco branco, sob o qual Germaine desaparecera me acenando. Enquanto eu falava, notei que Emílio rabiscava muito atento um papel que depois guardou no bolso.

Todos acharam interessante o meu sonho, só mesmo um escritor (em verdade, um ex-escritor) podia ter semelhante sonho. Relva, nuvem, um arco branco, suaves e inúteis ingredientes de um sonho, num lugar não habitado e nunca visto. E o gesto efémero de Germaine num adeus. O fim do sonho.

Enfim, Germaine haveria de estar àquela hora em algum lugar aprazível, talvez na montanha, passando a sua temporada fora. Ela gostava muito da montanha. A montanha naquela época do ano era linda, com a sua névoa rósea de crisântemos.

E fomos todos então nos distrair com o nosso joguinho de baralho. Afinal as coisas para nós talvez estivessem mesmo mudando. Quem sabe o professor Romão tinha razão?

Emílio não aceitou convite para almoçar

com nenhum de nós. Também não queria almoçar na casa do filho.

— Eu não quero incomodá-lo — disse.

Comeu a sanduíche que trouxera na malinha pendurada no selim da bicicleta. Fora bom ter vindo à reunião, matara saudades. E nós havíamos matado saudades dele. Não sabia quando ia de novo aparecer. Qualquer dia aparecia. Talvez na primeira reunião do outro mês. As ruínas enverdeciam nas urzes. Uma borboleta tomava sol em cima de uma papoula. Esvoaçou quando Emílio passou pedalando a sua bicicleta, de volta para o bosque dos Olmos.

E outros e mais outros velhos foram se sumindo dos lugares onde costumavam vê-los os nossos olhos, nos recantos tímidos das ruas, nas calçadas solitárias da cidade. Para as ausências dos nossos conhecidos havia sempre a mesma explicação: tinham sido levados para fora pelos filhos. Para aqueles que pessoalmente não conhecíamos, e que das ruas sob os nossos olhos se sumiam como coisas, atribuíamos a mesma explicação, de resto lógica: tinham ido para fora, talvez para a montanha, talvez para a praia, uma mudança de ar era sempre uma boa coisa. Também podia dar-se o caso de algum deles haver morrido, afinal as pessoas morrem. Não termos sabido da morte deles, nem termos visto pas-

sar na rua um enterro, que podia ser o deles, era isso uma coisa natural, não os conhecíamos, estávamos isentos de curiosidade e de pesar. Não era nada que nos preocupasse. Todavia, disse um dia Miguel Pompa, numa reunião, quando juntos estávamos nas ruínas do convento:

— As nossas ruas estão aos poucos se esvaziando de velhos. Está havendo menos velhos nas ruas. Que coisa mais estranha.

Não, não havia nada que estranhar, disse arrumando as cartas de baralho o velho Omar. Era perito nisso, trabalhara quando moço num casino. Em sua lembrança ele retinha do casino a visão da sala iluminada com as fichas tamborilando nas luzes, coloridos besouros se exaurindo em seus nocturnos voos cegos. Era como se estivesse ainda no casino.

— Não há nada que estranhar nisso — Omar repetiu. — Os jovens não querem mais ser incomodados pelos velhos, e estão levando os velhos para fora da cidade, não se sabe para onde, mas para um lugar qualquer. É como se os jovens estivessem dando uma espécie de férias aos velhos. Aos velhos que conhecemos,

e aos que não conhecemos, ou que só conhecemos de ver passar.

E Miguel Pompa me perguntou:

— Que é que você acha disso, Aleixo?

Todos se voltaram para mim. Por um instante me senti incapaz de responder fosse o que fosse. Tudo que eu podia dizer já fora dito antes, o professor Romão já o dissera na reunião anterior. Talvez as coisas estivessem mesmo mudando. Eu pessoalmente não tinha ainda certeza, mas havia a história do professor Romão com o filho, que o próprio Romão contara. Sim, por que não? Talvez os jovens estivessem mesmo dando aos velhos uma espécie de férias.

— Você acha? — Miguel Pompa insistiu.

— Pelo menos tudo indica isso — respondi. — O professor Romão não deve tardar, talvez ele tenha mais novidades para a gente, mais novidades animadoras, quem sabe?

— Mas o professor Romão não virá para a reunião de hoje. Nem sei mesmo quando virá — disse o velho Orozimbo, afagando as suas frementes barbas brancas. — Passei na casa

dele hoje de manhã, e lá me disseram que ele tinha ido para fora ontem.

Trocámos todos entre nós um olhar de surpresa.

— Quem disse a você isso, Orozimbo? — perguntou Miguel Pompa, lembrando-se que deixara de avisar o professor Romão da nossa reunião, porque isso não lhe parecera necessário. Romão estava sempre a par das reuniões, era dos mais assíduos.

O velho Orozimbo respondeu com a mesma segurança de quando no tempo de escola respondia de cor ao professor:

— Quem me disse foi o filho dele.

— O filho dele?

— Sim. O filho dele.

— O mesmo filho que o levou para visitar a universidade?

— Sim.

— Para mostrar a ele o novo robô da universidade?

— Isso mesmo. O filho dele, chamado Gumerando — confirmou Orozimbo.

— Eu só estranho é que Romão não tenha me dito nada — Miguel Pompa disse. —

Enfim, depois do que ele contou aqui, do que ele falou do filho, que tão carinhoso com ele estava se mostrando, é natural que o filho tenha querido levá-lo para passar uns tempos fora, mudar de ar. Ele estava todo entusiasmado com o bom tratamento que o filho lhe passou a dar, vocês se lembram.

Todos nos lembrávamos, claro. Era como se de novo estivéssemos ouvindo o velho professor Romão contar a história da visita que em companhia do filho fez à universidade, um lugar onde velho não podia entrar. E ele entrara, levado pelo filho, tão bonzinho o filho.

— O filho de Romão, esse mesmo filho, também me tratou muito bem, quando perguntei a ele pelo pai — Orozimbo disse. — Ele me disse bem assim: Olhe, seu Orozimbo, papai viajou. Levei ele para passar uns tempos fora. O senhor vai ter de esperar uns dois meses para poder falar com ele. Mas dois meses passam depressa, não é mesmo? E eu respondi: Obrigado, meu filho, muito obrigado pela atenção. Vou sentir falta de Romão, mas não tem importância. Só quero é que essa temporada fora seja boa para a saúde dele.

— Mas ele não lhe disse para onde Romão tinha ido? — perguntou ao velho Orozimbo a curiosidade de Miguel Pompa.

Não dissera, nem ele Orozimbo perguntara.

— Acho que nós devíamos começar a perguntar para onde estão levando os nossos companheiros — Miguel Pompa disse. — Cada um de nós pode começar já a fazer isso.

— Eu não perguntei — disse o velho Orozimbo — e nem vou perguntar, porque me seria muito desagradável ter de ouvir de um desses rapazes uma resposta no género: «Pra que queres saber? Tens alguma coisa que ver com isso?» A gente nunca sabe o que um desses rapazes pode nos dizer. Mesmo agora, quando parece que eles estão mudando o tratamento que nos davam. Aliás, em minha casa eu ainda não senti mudança nenhuma — Orozimbo concluiu, lembrando-se que ainda na véspera o seu filho dissera quando o encontrou no corredor: «Sai da frente, velho. Não fica aí atrapalhando o caminho.» E Orozimbo saíra quase correndo e se escondera no quarto, como fugindo de alguma coisa perigosa.

— Pois eu vou perguntar — Miguel Pompa disse. — A primeira vez que encontrar o filho do professor Romão vou perguntar onde ele, Romão, está. Se o filho dele, o chamado Gumerando, foi tão gentil, levando-o para ver na universidade o novo professor-robô, não haverá de ser menos gentil para dizer onde o seu pai está. Afinal não haverá nada de mal nisso. Não acha, Aleixo?

Me perguntou de repente Miguel Pompa, olhando para mim, gostava de ouvir a minha opinião, talvez por hábito. Eu só quis dizer isto:

— Eu acho que a pergunta só tem uma utilidade, que é a pessoa interessada em saber o paradeiro da outra, no caso de ir também para fora, querer ficar no mesmo lugar. Podem ser dois amigos. Nada mais natural que um amigo querer se juntar a outro. É sempre uma companhia, um parceiro de jogo, enfim um amigo.

Houve outras opiniões, todos demos opinião, como sempre acontece quando pessoas se reúnem para opinar sobre qualquer coisa. Uns são contra, outros a favor, como numa

regra, e seguimos a nossa regra. Isto nos dava uma impressão de liberdade. Talvez apenas uma ilusão de liberdade.

Prevaleceu a opinião de que não devíamos nos expor a possíveis constrangimentos, indo perguntar ao filho de um dos nossos companheiros qual o lugar para onde ele o tinha levado. Eventualmente algum de nós podia perguntar isso, se houvesse oportunidade. A ocasião fazia o ladrão, ou o curioso. Mas nada de sair por aí fazendo perguntas, como numa investigação. Claro, não éramos investigadores, e acabámos achando que os nossos companheiros ausentes estavam em melhor situação que nós, que continuávamos ali nas ruínas do convento nos escondendo, como num ninho cinzento de coisas sempre iguais. Ir para fora era sempre uma coisa estimulante, feérico itinerário de surpresas, onde tudo era outro tudo, as árvores eram outras em seus outros verdes, eram outras em seu outro azul as nuvens. Que bom ir para fora, ver outras coisas, respirar outros ares.

— Quem vai para fora sou eu — disse o cavaleiro Perlino, como abrindo em si mesmo

de supetão uma porta, para de dentro de si mesmo sair. — Como não tenho dinheiro suficiente para isso, vou pedir a um dos meus filhos que me ajude, como devem ter feito com os nossos companheiros os filhos deles. Vou apelar para Geraldo, Mário Sérgio, talvez para Cristiano, enfim, para o filho que estiver de melhor humor comigo no momento. Vou para fora. Vou também para fora.

Nenhum de nós teve tempo de dizer nada. Mal tivemos tempo de ver num relance o cavaleiro Perlino pegar o seu cavalo e desaparecer nas ruínas do convento, cavalgando o seu sonho.

ENVIUVEI aos 57 anos. Não voltei a me casar. Não queria partilhar com uma nova companheira as desilusões da minha velhice. Um problema de delicadeza. Ou de recato humano. É possível que com a minha falecida mulher nos primeiros anos de casados, eu tenha repartido algumas alegrias. Alegrias sobretudo efémeras. Depois foram as desalegrias, os sonhos desfeitos em rugas no espelho.

Não tive filhos. Certa vez escrevi num dos meus livros esta frase: «Todo filho é um bom filho da puta.» E fui talvez por isso castigado não tendo tido filhos. Ou fui talvez por isso poupado de não os ter. Não sei se há uma grande diferença entre uma coisa e outra. Enfim não tive filhos.

Desde que enviuvei vim morar nesta pensão onde moro. É uma pequena mansarda com uma janela sobre o rio. Já há muitos anos me desfiz dos meus livros. Os meus livros deixaram de ser lidos pelos outros. Os livros dos outros eu não conseguia ler. Os livros se tornaram ociosos para mim. Tenho hoje no meu quarto apenas as coisas indispensáveis: a minha cama e o meu banheiro. Não consegui ainda deixar de fazer a barba nem de tomar banho. E nunca aprendi a dormir no chão. Preciso pois de minha cama, e preciso de meu banheiro. Eles são como os esboços do meu fim, para o qual sou impulsionado a prosseguir, sem que possa todavia me deter, me conter.

Estou com 74 anos. Entrei já na faixa de prorrogação da vida. Tenho a minha janela, de onde vejo o rio. Tenho o meu caniço, com que fisgo os meus consolos na pescaria. E tenho as derradeiras amizades, que se refugiam nas ruínas do convento, nestes difíceis tempos de velhos que estorvam jovens, e de jovens que estorvam velhos. É tudo que tenho.

De vez em quando trago alguma mulher ao meu quarto. Ficamos calados, nada temos

que dizer um ao outro. O que temos no entanto de fazer, fazemos logo, no desembaraço breve de uma obrigação. Depois da remuneração fica no ar um cheiro mercantil de loção destampada. Abro a janela para purificar o ar. E o ar renasce como uma aurora trémula de borboletas. E a inocência entra de mãos dadas com o arrependimento. E botam no colo o menino que eu fui e que não me larga. E daí a pouco estou eu dormindo no meu berço.

Saí para a minha caminhada pelo cais. O cais está deserto. Poucos são ainda os corpos que transitam naquela hora matinal da cidade, voltando talvez de uma longa noite, ou talvez entrando na manhã que acaba de começar. Mas, não tarda, e vejo o cavaleiro Perlino, também caminhando do cais, que vem em minha direcção.

Indago sobre a sua viagem. Afinal ele deixara a reunião, anunciando que também iria para fora, desde que o seu filho se dispusesse a ajudá-lo. Ele, Perlino, não tinha suficiente dinheiro para fazer tamanha despesa. Afinal numa viagem havia transporte, hotel, restaurante, viajar era gastar.

— Então, Perlino, quando viaja — perguntei.

Ele riu-se todo:

— Não imagina como o meu filho reagiu. Quando eu disse a ele que estava querendo ir para fora, passar uma temporada fora, ele foi logo me dizendo: «Claro, velho, isto vai ser muito bom para ti.» Eu falei assim: «Mas, olhe, vou precisar da sua ajuda, meu filho. Viagem tem despesas e eu não tenho dinheiro suficiente para ir para fora.» E ele respondeu: «Deixa esse problema de dinheiro comigo. O importante é que tu faças a tua viagem.» Aí eu disse que gostaria de ir para um lugar onde estivesse um dos meus amigos. Com isso ele não concordou. E me disse assim: «Sabe, velho, vou pagar a tua viagem, mas tu vais me dar o direito de te fazer uma surpresa.» Eu quis saber qual era a surpresa. E ele, sorrindo, tão bonzinho: «A surpresa é justamente o lugar para onde tu irás. Só irás saber na hora. Mas te garanto que vais gostar. É um lugar ideal para velho. É tão bom, que não vais querer mais voltar.» Aí eu disse assim: «Nada disso, meu filho. Não troco lugar

nenhum do mundo por minha terra. Quero viver aqui, junto com vocês, até o dia de morrer.» Ele sorriu. Então eu perguntei que dia seria a viagem. Afinal precisava arrumar as minhas coisas, fazer a minha mala. Ele piscou o olho para mim, sorrindo: «Surpresa, surpresa.»

— Quer dizer então que você vai mesmo.

— Claro! — respondeu com euforia o cavaleiro Perlino. — Vou voltar de lá novo em folha: queimado de sol, com muito exercício de musculação. Vou nadar todo o dia.

— Mas como você pode estar com esses projectos todos, se não sabe ainda pelo menos para que tipo de lugar vai?

O cavaleiro Perlino sorriu, não se tratava de uma conjectura, mas de um dado concreto, uma coisa providencialmente positiva: o filho ia levá-lo para a montanha.

E ao dizer: *montanha*, e ao repetir *montanha*, ele como flutuava num êxtase, no impulso de um regozijo saudável e refrescante. Parecia profundamente feliz.

Antes de nos despedirmos quis saber se ele ia à reunião daquela semana. Ele não tinha

condições de saber, podia viajar de uma hora para outra. Afinal a sua viagem seria uma «surpresa» que o filho lhe faria, qualquer coisa assim como «pronto, está na hora, vamos», e só aí então lhe seria revelado o seu destino, o lugar. Que ia ser de toda a maneira um muito lindo lugar, na montanha, com um chalé dentro do bosque, a brisa afogando no açude os salgueiros despenteados.

AMANHECEU, fazendo um bonito dia. Sol, nuvens, árvores, pássaros, as coisas de Deus alegrando a janela do meu quarto. A cidade era um grande fruto indiferente, que o rio cortava ao meio. Saio, vou andando, inquilino efémero da calçada e do jardim. Vejo na praça os esguichos da fonte, os mármores molhados, a grama trémula. Há uns brancos e amarelos aristocráticos nas papoulas do gradil. Vou andando. Casas. Gente. Minha solidão é uma coisa que encontrei na rua. Levo-a guardada comigo, dentro de mim e do meu bolso.

Chego às ruínas do convento. Lá estão os meus amigos, compartindo no seu ócio o pão do seu baralho.

E assim me foi perguntando Miguel Pompa quando me viu chegar:

— Viu o cavaleiro Perlino?

Hesitei, como se não houvesse escutado direito, ouvido bem.

— Sim, viu o cavaleiro Perlino? Estou lhe perguntando porque vocês são companheiros de caminhada no cais.

— Eu o vi anteontem — respondi. — Conversámos. E naturalmente demos a nossa caminhada. Por quê?

— Ele não chegou até agora. E é sempre um dos primeiros que chega.

— Ah! Então ele viajou. Foi para fora.

— Mas ele também?

O velho Saturnino, que só tinha olhos para o baralho, olhou-nos por cima do leque de cartas.

— Na última reunião o cavaleiro Perlino saiu daqui, dizendo que agora quem ia para fora era ele. E tendo dito que ia, naturalmente que foi.

— Eu também me lembro disso — Miguel Pompa admitiu, embora na ocasião não desse muito crédito ao rompante de Perlino, fogo de palha.

Eu também me lembrava, quem não se lembrava? Mas talvez só quem sabia do des-

dobramento da ideia da viagem era eu, involuntário sabedor dela. E contei o que Perlino me dissera em nosso último encontro, a ideia assentada já em propósito, na combinação feita com o filho dele.

— O filho concordou com a ideia de Perlino ir para fora, pagava tudo, tudo bem. Mas estabeleceu que o lugar da temporada seria uma surpresa. Uma surpresa que só na hora do embarque seria revelada — eu contei. E ainda contei que a única coisa que o filho disse a Perlino do lugar é que o lugar era muito lindo.

Nisto foi chegando Emílio, o pintor. Não esperávamos que ele viesse para a reunião daquele dia. Foi óptimo ele ter vindo, todos lhe dissemos, e ele nos agradeceu com uma espécie de sorriso misterioso, enquanto encostava a um canto a sua bicicleta. Vimos que ele trazia um embrulho, quem sabe uma tela. E logo vimos que era mesmo uma tela, quando ele a desembrulhou.

Tomei um susto quando vi a tela.

Em torno de mim as exclamações estalavam no ar, e sucediam-se, todos se manifesta-

vam, juntando com o encanto visual o encanto das palavras. Que beleza! Que coisa linda! É realmente muito linda essa tela! Que belo quadro você pintou, Emílio, elogiavam, elogiavam.

Quando afinal me refiz do susto e pude dizer alguma coisa, só isto eu disse:

— Mas esse quadro é o meu sonho. É o sonho que tive com Germaine. Esse quadro é o meu sonho.

— Sim, o sonho de Aleixo... Agora me lembro que Aleixo descreveu esse lugar como sendo o lugar que ele viu no sonho — Miguel Pompa disse.

E Emílio, enquanto mostrava e mostrava o quadro, confirmando e dizendo foi, sim, claro; ele apenas projectara na tela como num filme o meu sonho com Germaine. Ouvira com muita atenção a minha narração do sonho, quando eu o contara numa das nossas últimas reuniões. Tomara notas num pedaço de papel (aliás, eu me lembrava disso), fizera mesmo um esboço, ainda sob a impressão forte, estranha, do que ouvira de mim e de minha boca, palavra e sonho, verbo e imagem. O sonho indo

assim para a tela, pintura desabrochada de uma flor nocturna.

E eu contemplava impressionado a tela, tocava-a com os olhos e com as mãos, a realidade me devolvendo numa brisa diáfana o sonho, que se tornara assim espantosamente real, sonho ressonhado e verdadeiro. Sim, ali estava o grande campo relvado. *E tudo que alcançavam os meus olhos, e a minha vontade de ver alcançava, era sob o sol o largo campo verde: intocada messe de ensolarada relva. Mas eis que de repente vi no horizonte um grande arco branco. Tinha a imponência triunfal de um arco romano, bloco simétrico e nu, vazado num fundo de céu.* E ali estava ele na tela, o arco. O arco branco sobre a relva verde.

— É impressionante — eu disse, como que sonhando.

E Emílio, me estendendo o quadro:

— Pintei-o para você. Leve-o para casa. É seu.

Eu hesitei, enquanto descobria sob o arco uma sombra, o vulto de Germaine, e isso ainda mais me comoveu, e eu não sabia o que dizer, sensibilizado e mudo.

E todos os companheiros deixaram por um momento o baralho, e foram cumprimentar Emílio, por sua arte e por seu gesto.

Finalmente tomei nas mãos o quadro, e perguntei a Emílio que nome ele lhe dera.

— Deixei para você mesmo escolher o nome — ele disse.

— Sim, Aleixo é um escritor, pode escolher melhor que ninguém um nome para o quadro — Miguel Pompa disse, e eu sabia que ele não o tinha dito só para me agradar, não precisava disso o bom Miguel.

Não, eu não queria escolher o nome, talvez nem fosse mesmo capaz de escolher um bom nome para tão bonito quadro, achava que o próprio Emílio era quem devia fazer isso.

— Emílio sempre baptiza muito bem os seus quadros — eu disse. — Deixo que ele também baptize este.

Essa coisa da escolha do nome tornou curiosos dele os nossos companheiros. Vamos, Emílio, vamos, escolha o nome, pediam, e o pedido ficava balançando no ar, como um guizo. E Emílio, num encabulamento risonho, acabou

dizendo olhe, gente, está bem, está bem, a verdade é que eu já tinha pensado mesmo num nome para o quadro.

E revelou o nome do quadro: *Na relva da tua lembrança.*

PENDUREI na parede o quadro que Emílio pintou para mim. O quadro em que ele pintou o meu sonho. Eu olhava e olhava o quadro, e era como se de novo estivesse sonhando. Era como uma coisa irreal. Era o meu quarto um lago de silêncio, onde o quadro flutuava como um nenúfar. Eu via sob o arco o evanescente vulto de Germaine, desaparecendo, me acenando, uma sombra. Numa noite muito linda de Lua, com a Lua esparzindo pelo quadro como um perfume a sua brancura, o quadro me deu a impressão de um cemitério dormindo na sombra um sono branco. Cheguei a pensar em tirar da parede o quadro. Ou de pendurá-lo de costas. Acendi então a luz, peguei um jornal e fui ler. Para ver se me

distraía com a leitura e com a leitura me vinha mais depressa o sono.

Havia no jornal umas coisas de estatísticas, que fui lendo por cima, mas depois, relendo com atenção, descobri que de algum modo me interessavam. O controlo populacional, em que tanto se haviam empenhado no governo os homens, começava a dar um resultado — dizia o jornal — catastrófico. A população jovem se reduzia, na medida em que crescia a população idosa. Dentro de vinte anos (talvez menos) os jovens estariam trabalhando e só trabalhando para sustentar os velhos, que por serem velhos já não trabalhavam, aposentados, inactivos. Era um problema que preocupava os jovens. Os jovens tinham coisa melhor que fazer que só e só trabalhar para sustentar os velhos. Eu estava sendo sustentado pelos jovens. Enfim, se eu não conseguia trabalho, e tinha que viver apenas da minha aposentadoria, como podia evitar que os jovens — como dizia o jornal — me sustentassem? A solução era a morte, mas o meu resto de vida não me dera ainda *chance* de morrer.

Sobreveio afinal o sono, a canseira do sono,

apaguei a luz e fui dormir. Dormi embrulhado em mim mesmo, juntando por baixo do travesseiro como num ninho os meus cansados cacos de vida. A última coisa em que pensei antes de pegar no sono foi nas dunas da praia do Valão. Do Valão? Talvez fosse outra praia, o vento cavalgando dunas esquecidas na areias da minha memória.

ESTÁVAMOS de novo reunidos nas ruínas do convento, e o assunto eram as estatísticas publicadas nos jornais. Os jovens iam ter que sustentar os velhos. Dentro de dez anos (com optimismo, dentro de vinte) os jovens seriam minoria no mundo. E teriam que sustentar a maioria, os velhos, que ao contrário estavam aumentando de número, segundo dizia o jornal. O controlo populacional reduzira o número de nascimentos. Tinha que começar por aí. Mas, nascendo menos crianças, qual seria o resultado senão diminuir o número de jovens? Afinal os jovens envelheciam. E se os velhos estavam vivendo mais tempo (embora não por culpa deles), juntados os velhos que sobravam com os jovens que haviam ficado

velhos, só tinha mesmo de haver mais velhos que jovens no mundo. As crianças que podiam nascer não cresciam em número suficiente para suprir (e muito menos reforçar) na hora etária conveniente o número de jovens que deixavam de ser jovens, e deixando de ser jovens viravam velhos. Fatalidade, os jovens iam ter mesmo que sustentar os velhos, porque os velhos já não podiam (coitados) trabalhar, ao passo que os jovens podiam. Aliás, já havia mais velhos que jovens no mundo, ainda segundo o jornal.

Miguel Pompa, dobrando o jornal (ia recortar o artigo com as estatísticas quando chegasse a casa), lembrou que já existiam aliás cidades destinadas ao confinamento dos velhos. A ideia de uma cidade onde só havia velhos, onde era proibido morar quem quer que fosse que não fosse velho, tinha sido adoptada pelo estado, no interesse social de resolver o problema. Alguns de nós conhecíamos de visita pelo menos uma cidade dessas. O velho Orozimbo conhecia. Justiniano conhecia (fora lá visitar um irmão). Eu também tinha estado numa delas, no dia do enterro de meu sogro.

As casas, os quintais, a praça, tudo lá era como numa cidade qualquer, embora lá (naquelas casas) só morassem velhos. Não havia quase edifícios de apartamentos, talvez uns dez, uns quinze. No máximo vinte. Assim mesmo eram edifícios baixos, de quatro andares, em geral sem elevador. O elevador encarecia o condomínio. Mas havia alguns edifícios com elevador, porque entre os moradores da cidade havia velhos ricos, que podiam pagar despesas que os velhos pobres não podiam. Acabava porém sendo tudo igual, porque todo mundo era velho.

Em geral (pelo menos na cidade que eu visitei, quando lá estive para o enterro de meu sogro) os velhos moravam era em pequenos bangalós de madeira, todavia casas; com sala, quarto, cozinha, banheiro, só que eram casas onde só podia morar velho. Eram todos esses bangalós pintadinhos e arrumadinhos, em coluna por um, nas ruas. Um vizinho de meu sogro, me disse no dia do enterro que a cidade era muito bonitinha, uma graça. Os bangalós até pareciam casas de brinquedo. Enfim aqueles velhos todos, não tendo onde morar, brin-

cavam de morar naqueles bangalós, caserna de derrotados soldadinhos de chumbo.

O estado construíra tudo na cidade, e a própria cidade, que era afinal uma cidade do estado. Os apartamentos e os bangalós o estado alugava baratinho, para ajudar os velhos. E os velhos (os velhos sem moradia) estavam assim com o seu problema de moradia resolvido, na opinião do estado.

«Eu nunca ia morar numa cidade dessas», disse o velho Orozimbo. Estava ele fumando o seu muito pitado cachimbo, que enfumaçava de amarelo a sua barba branca, como uma relva crestada. E ele ainda disse assim, de repente: «Será que estão levando os nossos companheiros para uma dessas cidades?» Não, nós outros sabíamos (e o próprio Orozimbo devia saber) que todas essas cidades estavam lotadas, como as salas de espectáculos quando se coloca na porta o aviso: lotação esgotada. Só que não havia aviso em nenhuma porta. O aviso era dado directamente a quem interessar podia, pela competente repartição do estado, onde havia centenas de velhos inscritos, aguardando pela ordem de inscrição

uma vaga, quando numa dessas cidades (com a graça de Deus) morresse um velho.

Eram cinco as cidades de velhos: a cidade essa, a cidade aquela, a cidade aquela outra, a cidade que não era aquela, e a cidade que não era aquela nem aquela outra. Todas lotadas. O estado não tinha em seu orçamento recursos financeiros para investir na construção de novas cidades desse género. Estava aliás perdendo já muito dinheiro com a manutenção das que existiam, tendo portanto os candidatos às moradias que esperar o morador que morrendo as desocupasse.

Não, os nossos companheiros não estavam sendo levados para as cidades dos velhos, nelas não cabia mais velho. Eles deviam estar mesmo indo era para lugares amenos, na montanha, no campo, talvez algum hotel-fazenda, com pescaria de carpas no viveiro do tanque e leite tomado de manhã cedo no curral.

— Tenho notado que os velhos continuam diminuindo nas ruas — Miguel Pompa disse. Andara fazendo perguntas, com jeito, naturalmente, para não passar por quem está metendo o nariz onde não é chamado, e tudo que

pôde apurar era que por toda parte estava acontecendo o mesmo que acontecia com os nossos companheiros. — Os filhos estão levando os pais para fora, para eles se distraírem um pouco — Miguel Pompa disse.

— Ir para fora é sempre uma distracção — disse o velho Omar. — Para nós aposentados, que já não somos aproveitados em nenhum trabalho, ir para fora é uma boa pedida, muda-se de ar, enfim, passeia-se, a gente se distrai.

— É o que deve ter acontecido com Tobias — disse Orozimbo. — A esta hora ele deve estar se distraindo em algum lugar ameno, talvez numa praia. Ele gosta muito do mar.

Só aí foi que notei que Tobias não estava presente. Com aquela conversa sobre as estatísticas do jornal me distraí e não dei pela falta dele.

E Miguel Pompa disse assim:

— Com Tobias é mais um companheiro do nosso grupo que os filhos levam para fora. O nosso grupo está ficando cada vez menor.

E levantando-se foi pegar o estojo do dominó.

— Engraçado, na reunião passada eu dei uma surra de dominó em Tobias — disse, enquanto ia arrumando as pedras e as lembranças.

RECEBI uma carta muito estranha de Emílio, o pintor. Na carta me pedia que o fosse ver em sua cabana no bosque dos Olmos, e que levasse comigo o quadro que me havia oferecido. E também me pedia — isso foi o que me pareceu mais estranho — que juntamente comigo fossem alguns companheiros do nosso grupo.

Levei a carta para as ruínas do convento, onde como sempre nos reuníamos. Lá já estavam Orozimbo, Justiniano, Omar, o Rocha (Rocha Dória, porque havia outro Dória no grupo, o Dória Pepeu, que aliás não estava lá nesse dia); e ainda: Camilo, Esmeraldo, Maximiano, e finalmente Miguel Pompa.

Li a carta, que era aliás muito lacónica, para eles ouvirem.

— Que acha você que Emílio possa estar querendo? — Miguel Pompa me perguntou.

Eu não fazia a menor ideia.

— Talvez ele esteja doente — disse o Rocha.

— Nesse caso ele teria mandado avisar os filhos — ponderou Esmeraldo (lembro-me bem das palavras dele).

— Isto ele jamais faria — eu disse.

— Por que não? — disse Esmeraldo.

E eu disse:

— Porque Emílio não quer conversa com os filhos. Ou talvez os filhos não queiram conversa com ele. Quando ele vem se encontrar connosco, ou vem receber no banco a sua aposentadoria, prefere comer uma sanduíche na esquina do que ir, por exemplo, almoçar com um dos filhos. Não quer conversa com os filhos.

Era isso mesmo; e, logo, se Emílio estava doente, era natural que ele, em vez de procurar os filhos, algum dos filhos, me escrevesse a carta que escreveu. Era esse o meu raciocínio, e à falta de outro mais lógico os

companheiros o aceitaram. Enfim eu sabia que estava com a razão.

— Coitado de Emílio, metido naquele desterro do bosque dos Olmos, sozinho e Deus — disse Camilo, e com um suspiro sacudiu a cabeça.

— Não devemos descartar a possibilidade de um dos filhos dele, quem sabe, estar querendo levá-lo para fora — Miguel Pompa disse (lembrando-se naquele instante que os filhos, de um modo geral, estavam se mostrando mais tolerantes com os pais).

— Não creio — eu disse. — A carta deve ter outro motivo.

— Você acha então que ele possa estar doente? — disse o Rocha.

— Sim, quem sabe?

Emílio bem que podia estar doente. E não querendo recorrer aos filhos, recorria a nós, seus companheiros, seus amigos. Os amigos eram para essas coisas, as coisas da vida, que uma pessoa sozinha nem sempre pode resolver. Mas, por que não admitir a mudança de tratamento que muitos filhos estavam dando aos pais (era essa a impressão), e que nesse caso

um dos filhos de Emílio quisesse mesmo levá-lo para fora, e que ele, Emílio, antes de concordar com a ideia, quisesse nos consultar? Os outros companheiros nossos não nos haviam consultado, nem sequer se despediram de nós, quando os filhos os levaram para fora, para a montanha, o campo, a praia, sabia-se lá para que lugar. Nem mesmo o lugar sabíamos. Mas Emílio talvez quisesse trocar a esse respeito ideias com a gente. Talvez gostasse de ouvir a nossa opinião. Era uma maneira de nos distinguir. Um gesto de apreço dele. Por que não?

— E nesse caso quando iremos vê-lo? — Miguel Pompa (sempre muito prático) perguntou.

Entreolhámo-nos, talvez espantados com a objectividade e a naturalidade da pergunta, que aliás não devia nos espantar. Às vezes acontece isto: a gente se embaraçar com a naturalidade com que se coloca de repente diante de nós uma coisa perfeitamente natural. Assim como quando de repente alguém chega e nos pergunta: quer um copo d'água?

E foi o próprio Miguel Pompa que propôs:

— Que tal a gente ir amanhã de manhã?

Não houve problema. Todos concordámos com a proposta, com a sugestão de Miguel. E tratámos de combinar como faríamos. Primeiro era preciso saber se iríamos mesmo todos, quer dizer todos os que ali estavam e haviam tomado conhecimento da carta, ou se iriam apenas alguns de nós.

— A carta fala em alguns — eu disse, na preocupação de dar cumprimento fiel à carta, como destinatário dela. Afinal Emílio se dirigira a mim. De certa maneira eu tinha de falar por ele.

— Quantos somos mesmo aqui? — disse Miguel Pompa, e foi logo em silêncio contando os presentes.

Éramos nove, com ele. Não seria gente de mais? Decidi que não, achando que o critério de escolha (porque de alguma forma teríamos de escolher) devia mesmo ser aquele que naturalmente se impunha: iriam os que haviam tomado conhecimento da carta. Aos companheiros ausentes comunicaríamos depois o resultado da nossa visita a Emílio, ou melhor, do nosso atendimento ao chamado de Emílio.

Ficou combinado que não iríamos todos ao mesmo tempo, em grupo. Isto podia chamar a atenção. Iria um de cada vez, com um pequeno intervalo entre um e outro, de modo a permitir que no decorrer de meia hora (no máximo quarenta minutos) estivéssemos reunidos no bosque dos Olmos. E assim reunidos seguíssemos para a cabana de Emílio.

E onde seria o local do encontro? Sugeriu-se (creio que foi Esmeraldo quem sugeriu, não estou bem certo) que esperaríamos um pelo outro no antigo cemitério índio. Era um lugar onde ninguém ia mais, sobretudo os jovens, nenhum jovem, de resto desinteressados todos eles sem excepção nas coisas do passado. Aquelas velhas e enegrecidas pedras, cobertas de ervas daninhas, com ossadas de índios debaixo da areia vermelha, todo um passado enterrado ali, e pronto, uf! Os jovens não iam mesmo lá. Então o lugar (o antigo cemitério índio) servia para o nosso encontro. Uma óptima sugestão. Agora me lembro bem: a sugestão foi mesmo de Esmeraldo.

PRIMEIRO nos reunimos nas ruínas do convento, para nos certificarmos de que todos os que na véspera haviam tomado conhecimento da carta de Emílio iriam mesmo ao seu encontro no bosque dos Olmos. Estávamos todos interessados em evitar um eventual desencontro. Quando cheguei às ruínas do convento, já encontrei Esmeraldo. Trazia comigo (naturalmente) o quadro que Emílio me havia oferecido. Na carta ele pedia que eu o levasse, como aliás já disse. Depois chegaram os outros, não me lembro mais em que ordem. Sei que por último chegou Miguel Pompa, com a notícia de que também o Dória Pepeu fora levado para fora pelos filhos. Estava explicada a sua ausência (ele era dos mais assíduos do grupo) na reunião da véspera. Miguel Pompa soubera

disso por acaso, momentos antes, quando ia ao nosso encontro. Encontrara casualmente um dos filhos de Dória Pepeu, que indagado lhe dera a informação, papai foi para fora, estava precisando descansar. A notícia não nos surpreendeu, afinal antes de Dória Pepeu já tinham ido para fora outros companheiros nossos, nada mais natural. O que surpreendeu, pelo menos a Miguel Pompa, foi a ternura com que o filho de Dória Pepeu se referiu à viagem, dizendo assim: Olha, vai ser bem melhor para papai, sabe?»

— A informação foi de tal maneira carinhosa, que quase pergunto ao rapaz o nome do lugar para onde fora levado o nosso Dória — disse Miguel Pompa.

— Foi melhor você não perguntar — Justiniano disse. — A gente nunca sabe o que um desses jovens pode dizer à gente, no meio de uma conversa. Não é bom confiar muito no trato com eles. De repente, numa conversa com um velho, eles se lembram que são jovens e resolvem mostrar que são, já pensou?

— Só sei dizer que com o Dória Pepeu é mais um dos nossos que se vai — suspirou

Orozimbo (tinha um ar de desolada sinceridade).

— Bem, já que todos chegaram, tratemos de partir — eu disse, mudando bruscamente de assunto, depois de ver no meu relógio a hora, ponteiro puxando na nossa frente a fieira do tempo. — Daqui até lá é uma boa caminhada.

Como havíamos combinado, saímos um de cada vez, guardando um pequeno intervalo entre um e outro. Não queríamos dar na vista, chamar a atenção. E assim de um a um deixámos as ruínas do convento, para nos encontrarmos no antigo cemitério índio. Quem chegasse primeiro que esperasse o outro, até todo mundo se reunir. Sentíamo-nos um pouco como soldados numa manobra.

Estava uma manhã ensolarada, era cedo ainda, o ar nos fazia bem, vinha ao nosso encontro uma brisa trémula e como nos envolvia numa carícia, num doce cochicho. A brisa nos dizia talvez alguma coisa, mas ai de nós, que não tínhamos ouvidos para entender o que num sopro podia nos dizer a brisa.

Fui o primeiro a chegar ao antigo cemité-

rio índio. Depois foram chegando os outros. Em pouco mais de meia hora chegou o último. Havia ali como um grande olhar parado, espreitando-nos das pedras, das urzes, do chão. O sol brilhava, mas era como se estivéssemos nas profundezas de uma escuridão. Uma escuridão feita de olhos invisíveis, fundidos num grande olhar parado e cego. O cemitério índio. O antigo cemitério índio.

Reunidos afinal, seguimos (todo o grupo) para a cabana de Emílio, o pintor.

A estrada desenrolava-se recta no chão vermelho, sob a ramaria dos olmos, que o Sol atravessava de pontiaguda luz amarela. Caminhávamos em silêncio, olhando para as coisas sem ver as coisas, carregando como um zumbido nossos pensamentos inquietos. Que quereria connosco Emílio, o pintor? De repente, na clareira, do outro lado da pequena ponte rústica e de pau sobre o córrego (os reflexos de sol fingiam peixes de prata na água), vimos afinal a cabana. Emílio comprou-a do falecido Dr. Rossi, um naturalista que ali viveu alguns anos. A velha cabana de Emílio: de madeira, de uma madeira enegrecida de tempo e de silêncio, uma larga varanda de cimento na frente, de onde um cão alerta começou a latir quando nos viu.

Emílio apareceu em seguida.

Tinha um ar de expectativa aliviada. Só estava mesmo esperando por nós. Fez-nos acenos, venham, venham, introduziu-nos na cabana, estivéssemos à vontade, sentássemos como quiséssemos. E quando me viu com o quadro:

— Foi bom você ter trazido o quadro. Vamos precisar dele.

E, numa pressa, foi logo anunciando:

— Aconteceu algo muito grave. Pedi que Aleixo viesse até aqui com o quadro e trouxesse em sua companhia alguns companheiros, porque tenho realmente uma grave revelação para fazer.

E nos deixando na sala tomados de um assustado abandono, como perdidos em nós mesmos, numa ânsia, voltou pouco depois com um homem mal vestido, com uns atemorizados olhos em brasa encovados na barba em desalinho, como revolvida pelo vento, e os cabelos brancos irrompendo em ásperos tufos de palha, em quem reconhecemos com assombro o cavaleiro Perlino.

— Mas... você, Perlino... você não tinha

ido para fora? — balbuciei, procurando (realmente) com dificuldade as palavras.

Perlino começou a tremer; num desespero em que havia uma espécie de medo alvoroçado, disse aos arrancos, erguendo para o ar as mãos que tremiam:

— Meu filho tentou me matar... Todos os nossos companheiros foram mortos pelos filhos... Nenhum deles foi para fora... Com essa desculpa de irem para fora foram todos mortos pelos filhos... Nenhum deles foi para fora... Foram todos mortos pelos filhos...

— Calma, calma, Perlino — pedia Emílio, pondo-lhe carinhosamente a mão no ombro (tentava como podia acalmá-lo). — Você está com os seus amigos. Vamos conversar. Vamos ver o que faremos. Alguma providência terá de ser tomada. Calma, calma, tenha confiança em nós. Só queremos o seu bem. Somos seus amigos.

E de repente, fixando num olhar espantado o quadro que eu conservava apoiado nas pernas, o cavaleiro Perlino se pôs bruscamente de pé; enquanto recuava abalroando uma

cadeira, e com horror apontava com o dedo o quadro, desabriu-se:

— Sim, sim, neste lugar que meu filho quis me matar... Não me lembrava bem desse quadro quando Emílio o pintou. Agora, vejo que ele é como uma foto daquele tenebroso lugar... É aqui que os filhos estão matando os pais. É aqui! Eu estive aqui... Oh, não, não, é horrível, é horrível!

Entreolhámo-nos, numa grande surpresa e numa grande pena do nosso companheiro, que talvez houvesse enlouquecido. (Essa foi a impressão que no momento todos nós tivemos.) E já Emílio, levantando-se e procurando acalmá-lo, levava-o pelo braço para o interior da casa.

Voltou pouco depois, para nos dizer:

— Ele está muito excitado. Vai descansar um pouco.

Mas que acontecera afinal com o cavaleiro Perlino? Era o que todos queríamos saber, já que de tudo que ele nos dissera ficara a impressão tremenda de uma terrível e incompleta verdade. Ou uma coisa tão distante de uma pos-

sível verdade quanto próxima de uma fantasia insensata.

Não, não, Emílio preferia que esperássemos um pouco, enquanto Perlino se refazia da sua exaltada reacção, aliás compreensível.

— Acho melhor que em vez de eu transmitir a vocês o que dele ouvi, ele próprio o conte a vocês, embora contando de novo. Já estou com o gravador pronto. Faremos com ele uma espécie de entrevista, cuja gravação nos será muito útil para o levantamento de toda essa história. Essa gravação será um documento importantíssimo não apenas para nós, mas para o desdobramento que o caso de uma ou de outra forma terá.

— Será que não é melhor deixarmos para amanhã? Poderemos voltar amanhã aqui (a pergunta era de Miguel Pompa).

— Não — disse Emílio. — Certamente teremos que nos reunir outras vezes para tratar desse tão grave assunto. Mas é indispensável que comecemos a fazê-lo hoje ainda. Não há tempo a perder.

O cavaleiro Perlino voltou à sala mais calmo, pelo menos dava com o seu silêncio essa impressão. Silêncio talvez enigmático. Recusou-se contudo a gravar qualquer tipo de depoimento, no curso ou não de uma entrevista — a entrevista, como queria Emílio, o pintor, colectivamente tomada por nós. Por nosso grupo, os amigos ali presentes.

Perlino disse que não, repeliu com decisão o gravador, não queria saber de gravador, tinha horror a gravadores. Já contara a Emílio, e podia nos contar agora, contando de novo, a sua história: da boca de amigo para ouvido de amigo, sem o registo abelhudo de nenhum engenho electrónico. E nós os compa-

nheiros estávamos ali como seus amigos, não como repórteres.

Emílio, que tivera a ideia de gravar o depoimento, foi o primeiro a concordar com a recusa de Perlino. Estava bem; e então que conversássemos. Conversássemos como amigos.

O filho, como lhe havia prometido, levara-o para fora, era um domingo. Vamos, papai, está na hora, é um bocado longe. Mas não lhe disse o nome do lugar, era uma surpresa, na hora ele veria, era um bonito lugar, ficasse descansado.

E ele Perlino pegou a sua maleta, a maleta com as suas coisas, e entrou no carro com o filho. Não iria de avião, nem de trem, não haveria portanto aeroporto nem estação ferroviária, ajuntamento de gente, as pessoas que sempre estão viajando. (O homem não faz outra coisa na vida senão viajar, até que chega o dia de fazer a última viagem, e ele deixa na terra o ténue rastro de sua lembrança, numa aragem que passa.) A viagem ia ser todo o tempo de automóvel.

E o automóvel partiu, e em pouco (no máximo uma hora), desapareceram os lugares

habitados, salvo uma ou outra casa entrevista no meio do mato, que aparecia mas que logo desaparecia: casas fugindo como cabras desgarradas de um rebanho. E foi ficando só a floresta, uma densa floresta escura, de enormes árvores escuras, que uma estrada deserta e má varava. O carro trepidava nas pedrinhas do chão, como um velho trémulo.

De repente (talvez umas três horas depois, sempre dentro dessa floresta escura, e rodando sempre no mesmo pedregoso chão), a estrada desembocou numa grande claridade verde e lisa. O campo coberto de relva, e ao fundo o arco branco, sim, impressionante, era o mesmo lugar, sem tirar nem pôr, do quadro pintado por Emílio, sonhado por (mim) Aleixo. Depois que vira o quadro que eu levara para a casa de Emílio, Perlino não teve mais dúvida; e aquilo que era uma vaga lembrança (confessou que não prestara muita atenção ao quadro quando o viu nas ruínas do convento) se transformou num retrato fiel do lugar: o campo relvado, com o arco branco ao fundo, branco-branco, como um mausoléu. Estranho, mas era um lugar belo, na sua relvada solidão.

E o filho parou o automóvel, e disse assim, olhe, papai, o lugar é este. Mas que lugar, que raio de lugar era semelhante lugar, sem casas, sem nada, só o arco branco sobre a relva? pensou Perlino. E disse isso ao filho. Mas o filho abraçou-o, sorriu, como achando em silêncio graça, bobagem, papai, o lugar fica depois do arco. Papai atravessa o arco e logo depois chega ao lugar, um lugar lindo, tão calmo, papai vai gostar.

E o filho se despediu dele, e os dois se separaram, e ele Perlino se lembrou (de repente) do dia em que levou o filho, então um menino, para pegar o trem na estação, ir passar as férias com a avó. Tinha sido também uma despedida. E quando o trem partiu, e o filho acenou com o lencinho da janela do trem, tinha mesmo sido uma coisa triste (Perlino se lembrava), era a primeira vez que se separavam. E ele Perlino chorou, com uma grande saudade do filho, o lencinho acenando da janela do trem, esvoaçante borboleta buscando um pouso.

Mas agora era diferente. O filho era já um homem e Perlino era já um velho. Foi andando

pela relva, no rumo do arco branco. Mas também sentiu de repente, como da primeira vez, saudade do filho. Olhou para trás quatro ou cinco vezes, olhou para o filho. Numa dessas vezes viu que o filho vinha vindo depressa atrás dele, quase correndo na relva. Ele parou, talvez o filho se tivesse esquecido de lhe dar alguma coisa. Porém no mesmo instante o filho também parou, e com um gesto pediu que ele continuasse a andar para o arco branco, andasse, andasse, pediu com um gesto enérgico, quase uma ordem.

Agora sabia a razão (ou imaginava que sabia) de o filho ter vindo no seu encalço, e de repente haver parado, mandado que ele continuasse a andar para o arco. Devia ter-se arrependido (por um momento) do mal que estava fazendo; desistindo porém de o reter, para levar até o fim o que queria, o filho mandou com aquele gesto insistente que ele continuasse a andar, a andar, a andar para o arco branco (arco ainda mais branco sobre o verde vibrante da relva).

Todos nós ouvindo-o seguíamos com o que tínhamos de mais profundo em nossa atenção

tudo que contava o cavaleiro Perlino. E nos entreolhávamos, como num código de silêncio que houvéssemos inventado para exprimir em segredo o nosso espanto, talvez a nossa dúvida. De repente disse assim Perlino:

— Quando transpus o arco, e ainda uma vez olhei para trás para acenar um adeus a meu filho, o chão se abriu subitamente e de uma vez sob os meus pés. E eu, sem haver chegado sequer a ver o meu filho, que de pé na relva me olhava, fui precipitado numa espécie de escorregadeira, dentro de um buraco. Foi terrível, e eu gritei, tomado de surpresa e ao mesmo tempo de medo, mas foi inútil gritar. Meus gritos se perderam no bojo de um túnel por onde eu desci aos trambolhões com a minha mala, tentando de alguma forma me agarrar a alguma coisa. Por fim, depois de dois ou três minutos de desespero e angústia, a escorregadeira me lançou numa espécie de fosso, sobre cuja borda descia como um manto a claridade do dia lá fora. Aparentemente eu tinha sido atirado numa caverna.

E aí rolou (foi o cavaleiro Perlino contando) pelo fosso um ruído ritmado e áspero,

de uma engrenagem em movimento. E sobre ele, para iniludivelmente triturá-lo, uma medonha coisa veio vindo do alto, mordendo com um voraz rilhar de dentes as sombras. A coisa essa desfraldou então no ar como uma bandeira o pescoço largo, assoprou forte. Sacudiu-se toda. E a cabeça de um cavalo investiu contra ele, com um fremente focinho ensanguentado.

Viu ele de perto a morte.

Mas era ágil e leve o seu corpo; confiava Perlino em sua leveza de pluma, feixe de músculos elastecidos no esporte. Velho, mas ainda fisicamente moço: memória e reserva de movimentos dúcteis, o pulo do gato, o reflexo esguio e pronto de uma haste.

Enfiou-se por uma espécie de bueiro, enquanto no seu impossível encalço a medonha coisa descia ao chão, e no chão batia e rebatia, num fragor de patadas, numa gula contundente de sangue e morte.

O bueiro lançou-o sobre uma grelha, a céu aberto. Levantou-se Perlino e correu (nem mesmo uma lebre ganharia dele na corrida, pensou de relance), escondeu-se no mato, atrás

de uma pedra. E dali viu quando sobre a grelha desceu lentamente como um elevador uma campânula cinzenta, que logo a cobriu de todo. Era um forno, pensou. E um insuportável calor se misturou com o ar e chegou até ele, atrás da pedra. Era um forno, tornou a pensar. E correndo fugiu por dentro do mato, até encontrar um muro. Trepou numa árvore (lembrou-se de repente do seu tempo de menino), e da árvore conseguiu saltar por cima do muro. Na queda desmentiu o pé. Rolou por uma ribanceira até o rio que passava em baixo. Atravessou a nado o rio. E pelo menos por duas semanas vagou pelo mato, perdido, mancando, alimentando-se de raízes e de frutos silvestres. À noite, para dormir, escondia-se nas touças de mato, feito um bicho.

Deixemos Perlino falar todo o tempo. Achámos que era bom para ele, que lhe faria bem, era o melhor meio que ele tinha de relaxar a sua tensão. De resto, queríamos conhecer toda a história, a estranha aventura que vivera.

— E afinal como você conseguiu chegar até aqui? — Miguel Pompa perguntou.

E o cavaleiro Perlino contou, embora sem conseguir esclarecer muitos pontos. A sua fuga fora desordenada, andou por lugares que não conhecia, e que lhe pareciam impossíveis de localizar depois. Tinha sido uma fuga a esmo, por dentro de florestas onde não morava ninguém. Enfim uma noite chegou à beira de uma rodovia, esfalfado, faminto, caindo aos pedaços. Na manhã seguinte um caminhão lhe deu carona. Ia para a nossa cidade. Nas imediações do bosque dos Olmos desceu. E então foi fácil encontrar a cabana de Emílio, o pintor.

— Não o reconheci quando ele entrou aqui em casa, tal o seu estado — disse Emílio.

Perlino olhou mais uma vez o quadro:

— Foi neste lugar. Exactamente neste lugar. Este quadro é como se fosse uma fotografia do lugar. Maldito lugar! — exclamou de repente, cerrando o punho.

E agitando-se num desesperado pasmo, nos contou de tudo que no lugar ele vira ou que lhe parecera, e por fim nos contou de tudo que concluíra, na certeza de uma indignação aterrorizada. O alçapão do arco abria-se sobre o

medonho fosso, onde uma espécie de pilão moía quem lá caísse; e a posta humana era por fim lançada através do bueiro para o forno crematório, onde da vítima ficavam apenas num fim cinzento as cinzas. Era tudo automatizado, em cadeia, numa sinistra conquanto perfeita (ele reconhecia) sucessão de horrores. Não havia ninguém, ninguém que de uma ou outra forma fizesse accionar a coisa. Isto o levara a admitir (quem sabe?) que o sinistro engenho obedecesse a um possível controlo remoto, accionado possivelmente pelo próprio filho que acompanhara o pai, e que permanecera de pé na relva, até vê-lo cruzar o arco. Ou talvez tudo estivesse ligado ao alçapão, que uma vez aberto desencadeasse automaticamente o funcionamento do medonho engenho.

— Foi assim que meu filho quis me matar. Foi assim que os nossos companheiros morreram, nas mãos dos próprios filhos, seus carrascos. Eu escapei por milagre. Terrível, terrível! Tudo planejado de antemão. Tudo organizado. Os filhos estão matando nesse maldito lugar os pais!

E o cavaleiro Perlino apontava o quadro,

e recuava apontando-o, como se quisesse fugir do quadro, tirá-lo de alguma forma de suas vistas, sem conseguir entretanto evitar o fascínio que a visão do lugar exercia sobre ele, como numa espécie de fatalidade: era uma coisa muito presente no seu espírito para poder esquecê-la. Como uma dor.

EMÍLIO, o pintor, tinha de ir até à vila (era perto da sua cabana, no bosque dos Olmos) fazer algumas compras. Íamos nós outros (os que viemos para o encontrar) voltar para a nossa cidade, a cidade onde residíamos. Saímos todos juntos, e juntos fomos até à ponte sobre o córrego, onde nos separámos; o cavaleiro Perlino ficou na cabana, depois de nos haver contado a sua história. Ficou calado, como cansado de tanta coisa que contou. Achámos (todos) que ele devia continuar onde estava: na cabana de Emílio, até vermos que providências poderíamos tomar. (Se é que havia mesmo providências para de uma ou de outra forma a gente tomar em favor dele, talvez em favor de nós outros todos.)

O cavaleiro Perlino ficou na sala da cabana, sentado, olhando o quadro. Disse assim até amanhã, muito obrigado, e nada mais disse. Quando saímos da cabana ele já estava olhando obcecadamente para o quadro. Sem tirar a vista. Era como se quisesse, ou talvez tivesse uma vaga, inútil esperança de descobrir no quadro (olhando-o tanto, e daquela forma, os olhos fixos, duas brasas azuis) alguma coisa que deixara de ver, ou de contar, quando estivera no lugar aquele que o quadro retratava: a relva, o arco. A lembrança.

Quando chegámos à ponte, Emílio foi perguntando o que a gente tinha achado da conversa de Perlino, e então? que pensam vocês de tudo isso? que podemos fazer, que devemos fazer?

— Eu acho que por enquanto não podemos fazer nada — eu disse, com absoluta sinceridade. Com a minha sinceridade toda, sem deixar de fora nada, a precaução aquela que em geral a gente esconde (ainda que só um pouquinho) quando a gente diz que está dizendo tudo.

Voltamos amanhã, ou depois de amanhã,

eu ainda disse, achando que precisávamos de um pouco de tempo para pensar. Estávamos todos convencidos de que tínhamos pela frente uma situação extremamente delicada e grave. Precisávamos conversar com o Dr. Inocêncio (75 anos), nosso amigo, ex-colega de colégio de alguns de nós, velha amizade de jovem, agora tão velhos quanto a amizade que os outros todos do nosso grupo tinham pelo Dr. Inocêncio: amizade e respeito. Ele era uma boa cabeça. Sabia ver as coisas, não apenas as que por obrigação sabia, as coisas de sua profissão (ele era médico), mas também as outras todas da vida, do mundo. Via o que a gente em geral não via. Uma boa cabeça: tino, e o conselho certo. O equilíbrio (como uma balança) da opinião.

Por enquanto tudo nos parecia, ali na conversa ao pé da ponte sobre o córrego, com a aguinha do córrego indo e se indo, sem ligar para a gente, por enquanto tudo nos parecia muito confuso.

— Pra mim, Perlino não está bem da cabeça — disse Miguel Pompa. — Isso que ele contou não dá para a gente acreditar. Sei não.

Vamos ver o que dirá de tudo isso o Dr. Inocêncio.

De um modo geral, era essa (infelizmente) a impressão que todos haviam guardado do relato do cavaleiro Perlino. O próprio Emílio também já tinha dúvidas. Ouvindo a história pela segunda vez (da primeira vez acreditara em tudo), já não estava tão certo de que Perlino contara mesmo uma verdade, ou se inventara uma mentira para contar, pensando que era uma verdade o que contava. Que coisa, como a mentira se parece com a insanidade! disse Miguel Pompa, bem assim, e de repente. Perlino podia ter enlouquecido.

Deixei na cabana o quadro, talvez o quadro ajudasse (de alguma forma) Perlino a se lembrar melhor das coisas. Era essa também a opinião de Emílio, que de resto pintara o quadro. Ou pintara o meu sonho com Germaine: na relva da tua lembrança. Que estranho — e ao mesmo tempo belo — título para um quadro. Era como uma natureza-morta (a relva, o arco) com uma vida humana dentro dela, ou apenas passando por ela, como uma brisa tré-

mula: o vulto trémulo de Germaine. O adeus no invisível gesto.

— Vamos ver o que dirá Dr. Inocêncio — Miguel Pompa insistiu.

Separámo-nos ao pé da ponte sobre o córrego, num silêncio entreolhado, onde talvez havia o fulgor de um medo.

Emílio, o pintor, seguiu para a vila; nós outros para a cidade. Com o nosso medo.

NO velho cemitério índio (em verdade era o cemitério apenas umas tristes ruínas cobertas de urzes e de invisíveis gestos) nos separámos, e de novo um a um retornámos à cidade: não queríamos, como tínhamos feito na ida, chamar de alguma forma na volta a atenção das pessoas. E pelo caminho ia eu me lembrando das palavras e enfim do pensamento que acerca da história — ou da aventura — do cavaleiro Perlino haviam manifestado os companheiros, quando antes de nos separarmos no velho cemitério índio decidimos afinal o que iríamos fazer, e como o fazer. Ia eu pelo caminho andando e pensando, e as lembranças da conversa iam tremulando atrás de mim e à minha volta, como borboletas assombradas.

Eu perguntei assim: que acha você, Orozimbo? *É muito difícil acreditar no que Perlino contou.* E você, Justiniano? *Não acho nada; ou não sei o que achar.* E você, Rocha (era o Rocha Dória)? *Tudo me parece muito fantasioso.* E a sua impressão, Camilo? *Ele* (Perlino) *me parece muito perturbado da cabeça.* E você Esmeraldo? *Sou da mesma opinião de Camilo.* Maximiano também era. E por fim Miguel Pompa, que achava ele? *Uma coisa absolutamente delirante.* A minha opinião, pelo menos até certo ponto, era a mesma de Miguel Pompa. De resto era mesmo difícil para todos nós — ou para qualquer pessoa — acreditar em tudo que o cavaleiro Perlino contara. Talvez houvesse alguma coisa de verdade em tudo aquilo. Mas é sempre mais fácil acreditar numa mentira que numa verdade. E o que podia haver de verdade talvez parecesse mentira.

Decidimos que íamos mesmo ouvir Dr. Inocêncio. Mas não podíamos ir todos juntos, éramos nove comigo, gente de mais para uma coisa dessas. Mesmo que não houvesse uma

coisa importante a tratar, dava para desconfiar. Imagine-se havendo, como havia.

A escolha de apenas dois emissários, que falariam pelo grupo, recaiu em Miguel Pompa e em mim. Não tínhamos como recusar. Pelo telefone Dr. Inocêncio combinou que nos esperaria na manhã seguinte. Antes disso era impossível, tinha compromissos inadiáveis. E realmente os devia ter. Dr. Inocêncio era muito amigo nosso para inventar desculpas e não nos receber logo, como aliás queríamos. (Afinal ele era um dos nossos.)

E lá fomos nós, Miguel Pompa e eu, ver em seu consultório Dr. Inocêncio, na combinada hora da manhã seguinte. Contámos-lhe tudo; e ele ouviu tudo. Depois disse assim, faz já algum tempo (talvez três meses) que não vejo Perlino. Me digam uma coisa, nesse período vocês notaram alguma coisa estranha nele, alguma mudança no seu comportamento? Não, não, pelo menos aparentemente não, não havíamos notado nada de estranho nele. Nada (digamos) de sinais de demência? quis saber Dr. Inocêncio. Silêncios prolongados, talvez... Não; nada. Aparentemente (pelo menos apa-

rentemente) o comportamento do cavaleiro Perlino era normal. Nada mudara no comportamento dele.

— Poderá haver uma demência súbita? — Miguel Pompa perguntou.

Sim, em alguns casos muito especiais podia haver um bloqueio do raciocínio. Ou uma perversão do raciocínio, disse Dr. Inocêncio. (Durante todo o tempo ele mantinha um ar de grande apreensão.) Acredito que algo de anormal haja acontecido. Pois o que me contam parece que se encaixa num quadro de insensatez aguda. Aguda e certamente repentina.

— Acha então, como nós achamos, que tudo seja produto de uma delirante fantasia? eu perguntei. Porque, por mais que eu quisesse acreditar no que Perlino contava, não o conseguia completamente. Ficava sempre a dúvida: a mentira que podia haver naquela verdade, uma talvez inacreditável verdade. Uma fantasia delirante?

Tudo indicava que sim.

Ora, os velhos estavam desaparecendo das suas cidades (como dizíamos) porque afinal

aos velhos não lhes resta mesmo senão morrer; era uma coisa natural, dizia Dr. Inocêncio. E não tínhamos como contestá-lo. Se as ruas estavam aos poucos (talvez até rápido de mais) se esvaziando de velhos, não conhecíamos todos os velhos das ruas, nem mesmo apenas uma parte deles, para sabermos o que deles tinham porventura feito os filhos, ou se eles tinham pura e simplesmente morrido. Não esquecêssemos que os velhos morriam. Era como se eles cumprissem um dever. Ou uma obrigação. A morte: coisa natural. A velhice era o caminho do homem para a morte. Morrer cedo uma pessoa não queria dizer outra coisa senão que morrera antes da hora. Porque a hora normal da morte era a velhice. O fim do homem. O fim de tudo. Ora, gradualmente se esvaziando de velhos as ruas, isto não queria assim dizer nada. Afinal as pessoas iam envelhecendo, todas as pessoas (salvo os que morriam antes da hora) envelheciam; e novos velhos iam substituindo os antigos velhos, não era mesmo?

Sim, os argumentos de Dr. Inocêncio eram claros bastante para os recusarmos, talvez

encerrassem uma amarga filosofia de vida; sobretudo, fundavam-se numa lógica amarga da morte. Não valeria contudo a pena fazer uma verificação obituária? Miguel Pompa sugeriu.

— Para quê? — Dr. Inocêncio respondeu. — Seria uma coisa perfeitamente ociosa. As famílias sabem que os seus velhos morrem. E só a elas em suma interessa saber disso.

— Creio que estamos nos desviando do nosso assunto — eu disse. — Em verdade nos preocupa especificamente a ausência (até certo ponto misteriosa) dos nossos companheiros.

— Mas foram levados para fora, os filhos os levaram para fora, para temporadas fora — Dr. Inocêncio disse. — Nada nos autoriza a duvidar disso.

E a história do cavaleiro Perlino, seria realmente apenas uma invenção? eu perguntei, numa dúvida, sei lá! eu a considerava fantasiosa, mas de toda forma persistia em mim a impressão de alguma coisa muito estranha em tudo aquilo. Talvez eu procurasse apenas

uma explicação para o sonho que tive com Germaine.

— Dr. Inocêncio, não quer conversar com o cavaleiro Perlino, — Miguel Pompa sugeriu de repente, e logo acrescentou que seria interessante Dr. Inocêncio ir vê-lo, talvez só assim pudesse chegar a uma conclusão a respeito de toda aquela estranha história.

Mas não havia outra conclusão a tirar, Dr. Inocêncio disse, muito seguro e muito calmo, infelizmente tudo indicava que o nosso companheiro tivera um bloqueio de raciocínio. Coitado, talvez houvesse enlouquecido.

Contudo concordou em ir vê-lo Mas só na quinta-feira (estávamos numa terça). E disse que lhe era indispensável ver o quadro, levem o quadro, pediu. E eu lhe disse que o quadro ficara na cabana de Emílio, onde aliás (como já se sabia) Perlino estava... hospedado? não, escondido, era essa a verdade, estava escondido o cavaleiro Perlino. No bosque dos Olmos.

Dr. Inocêncio ainda recomendou:

— É absolutamente necessário que mantenham tudo isso em sigilo. Ninguém deve saber de nada além de nós.

Então a escuridão do nosso sigilo desceu sobre nós como um manto, e como um escuro manto nos envolveu. Mesmo que nos vissem, ninguém nos veria. E foi assim, ocultos na escuridão do nosso sigilo, que deixámos o consultório de Dr. Inocêncio. (Faltava um quarto para o meio-dia.)

MIGUEL POMPA e eu levámos aos nossos companheiros, em nossa habitual reunião nas ruínas do convento, o resultado da entrevista (em verdade uma simples conquanto grave conversa) com o Dr. Inocêncio.

Queria então dizer que o Dr. Inocêncio também punha em dúvida a história do cavaleiro Perlino? Sim, ainda que ele não pusesse categoricamente em dúvida a estranha história, era difícil acreditar nela. Ele (Dr. Inocêncio) achava indispensável ver o cavaleiro Perlino, queria conversar com ele, eventualmente examiná-lo, sem o que não seria mesmo possível uma conclusão segura, clara.

— Ele irá nesse caso à cabana de Emílio,

no bosque dos Olmos? — perguntou Maximiano.

Teria de ir, iria, não podia deixar de ir, já que o cavaleiro Perlino se recusava a deixar a cabana de Emílio, onde estava não apenas hospedado, mas escondido: esta é que era a verdade. Ele Perlino não queria ser visto por ninguém, além de nós, dos seus companheiros de grupo. E Dr. Inocêncio estava nesse caso, embora não frequentando com assiduidade as nossas reuniões. Mas era, como nós também, um velho (75 anos), e além de ser nosso muito velho amigo, velho junto connosco ficara.

— Nesse caso vocês o acompanharão — continuou Maximiano (referia-se a mim e a Miguel Pompa). — É esta pelo menos a minha opinião, salvo melhor juízo dos companheiros.

Então Justiniano disse assim:

— Se eles foram os nossos emissários junto a Dr. Inocêncio, é natural que continuem a levar até ao fim a sua incumbência, acompanhando o Dr. Inocêncio à cabana de Emílio.

Claro, claro, concordou Orozimbo, penteando com os dedos, a barba branca e fofa, que o vento logo despenteava, como num brin-

quedo de duas pessoas. Eles continuam nossos emissários, e nos relatarão o resultado da conversa de Dr. Inocêncio com Emílio, disse ainda Orozimbo (e olhou para Miguel Pompa e para mim, sublinhando com o olhar as suas palavras francas).

E Omar, Camilo, Esmeraldo e Rocha (o Rocha Dória) também concordaram em que Miguel Pompa e eu acompanharíamos Dr. Inocêncio ao bosque dos Olmos, sendo que Omar achou que mais de três pessoas seria mesmo gente de mais; e que quanto menos gente houvesse, tanto menos constrangido ficaria o cavaleiro Perlino. Afinal devia ser para ele muito penoso ter de repetir toda a sua história, história que talvez já estivesse — quem sabe — preferindo esquecer.

E de repente Camilo, falando quase num sussurro, e olhando antes para os lados e para trás, contou que vira pela manhã o professor Romão.

O professor Romão, mas como? Ele também tinha sido levado para fora pelo filho, por aquele filho muito bonzinho, que aliás antes de o levar para fora levou-o um dia à

universidade, para mostrar a ele o novo robô, lembram-se?

Lembrávamo-nos, todos nos lembrávamos disso, e de como o professor Romão estava naquele dia satisfeito com o filho! E no dia seguinte (ou foram dois dias depois?) ele era levado para fora, como outros do nosso grupo já tinham sido, sempre assim: de repente.

— Você tem certeza que viu o professor? — Miguel Pompa perguntou a Camilo, e ao mesmo tempo olhou para mim, como se me perguntasse: que acha disso?

Camilo contou a sua história.

— Eu ia passando em frente à casa do professor Romão, e de repente olhei para o alto, me lembrando dele, com saudades dele. Foi uma coisa incrível. Olhei para o alto, e no mesmo instante (incrível coincidência) vi na janela o professor Romão. Só estranhei uma coisa: é que eu acenei para ele, e ele não respondeu ao meu aceno. Parado estava, parado ficou. Parecia uma estátua. Ou um boneco. Cheguei a pensar que ele não me tinha visto. Mas viu: tenho certeza que me viu, o apartamento do filho dele é no primeiro andar.

Romão me viu, sim. Só que não respondeu ao meu aceno. Quando acenei de novo, e cheguei mesmo a gritar: Romão! Romão! ele desapareceu da janela. E na janela só ficou a cortina balançando.

— Você deve ter-se enganado — Miguel Pompa disse.

Não. Camilo não se enganara. Camilo tinha certeza de que vira o professor Romão. Certamente ele já voltara.

— Mas voltar como? — eu perguntei, e fui falando, voltar como, se não fazia ainda quinze dias que ele fora para fora, que temporada curta era aquela, ele afinal estava aposentado, não precisava voltar logo. Não, não, ele não voltara, pelo menos não devia ter ainda voltado, era muito pouco tempo para uma temporada fora: talvez na montanha, talvez na praia, ar puro, leite puro tomado no estábulo, flores silvestres pelo caminho. E aquela imagem não me saía mesmo da cabeça (uma imagem nítida), assim: a brisa no lago, as flores reflectidas na água, nédias vacas de nédios úberes, pastando, brancas e vermelhas, como

enormes papoulas flutuando no capim ondulante.

— Estranho, singularmente estranho — Miguel Pompa considerou, pensando e pensando na história aquela de Camilo ter visto na janela o professor Romão. — Mas, se ele já voltou, por que não nos veio ver? — disse ainda Miguel Pompa, e de novo me olhou. E eu senti que no seu olhar havia qualquer coisa de desconfiança, uma espécie de luz retraída, em desarmonia com o que ele ouvira, e que também todos nós ouvíramos: a misteriosa (porque era mesmo um mistério) volta do professor Romão.

Sim, claro, se Romão houvesse mesmo voltado da sua temporada fora, porque para fora o levara o filho, aquele filho bonzinho, que lhe fora mostrar o robô na universidade, haveria de já nos ter procurado nas ruínas do convento, feito uma surpresa, não era mesmo? Uma surpresa que aliás seria extremamente grata a todos nós. Isto pensavam os outros nossos companheiros, a saber: Justiniano, Omar, Rocha (o Rocha Dória), Esmeraldo,

Maximiano, além de Miguel Pompa e eu, que tínhamos ouvido a história contada por Camilo.

— A melhor maneira de sabermos se de facto ele voltou... — ia dizendo Orozimbo, quando aliás o próprio Camilo cortou de repente, assim: voltou, voltou, voltou, sim, eu vi o professor Romão na janela, não ia me enganar. — E Orozimbo, continuando: — Por que então não ir um de nós perguntar no apartamento dele se ele chegou mesmo?

Não, não exactamente no apartamento dele, mas no apartamento do filho dele, que era coisa bem diferente. Mas se ele morava lá! E fora na janela do apartamento que Camilo o tinha visto? De toda maneira era bem diferente. Se o apartamento fosse do professor Romão, tudo bem, tocava-se a campainha, abriam a porta, a gente perguntava por ele. Mas o apartamento (conquanto nele morasse o professor Romão) era do filho dele. O filho dele (que aliás se chamava como sabemos: Genosino) podia responder sabe Deus o quê. Nunca um velho pode confiar num moço, e se um de nós fosse lá, era exactamente um velho que lá ia; e nunca se sabe o que um moço

pode responder a um velho. Ou talvez se soubesse, e de resto sabíamos todos nós, muito bem; nunca era uma boa resposta.

E desistimos de mandar alguém (algum de nós) saber ao apartamento do filho do professor Romão se o professor Romão havia mesmo chegado. Mas, ao mesmo tempo que queríamos saber isso, nenhum de nós queria ser maltratado pelo filho dele. Ouvir do filho dele uma resposta descortês. Como daquela vez que o Rocha (Rocha Dória) perguntou inadvertidamente na rua a um rapazola que ia passando, que horas são? e ouviu (ele nos contou depois) aquela resposta bem assim: Tá pensando que eu sou relógio, velho? Vá em frente, velho. Pra que é que velho quer saber das horas? Porra!

— Se Romão voltou mesmo, haveremos de saber disso mais dia menos dia, sem precisar perguntar a ninguém — Miguel Pompa considerou.

De uma hora para outra ele apareceria nas ruínas do convento, para nos contar boas coisas, para nos trazer (quem sabe) um presente. Talvez uma garrafa de vinho. E a gente dividi-

ria entre nós o vinho, como algum tempo atrás (fazia aliás muito e muito tempo) um homem chamado Cristo dividiu o vinho dele com os doze companheiros que tinha. Companheiros que eram chamados... como era mesmo? Ah, sim: que eram chamados apóstolos. A garrafa de vinho do professor Romão (se ele realmente a trouxesse) daria para todos nós.

E Dr. Inocêncio, que vai achar dessa história de Camilo ter visto na janela o professor Romão? Miguel Pompa perguntou no dia seguinte (numa quinta-feira, creio) a Dr. Inocêncio.

Camilo só podia ter-se enganado, Dr. Inocêncio disse; porque se o professor Romão já tivesse voltado, que motivo haveria de ter ele para não ir ao encontro dos seus amigos, seus companheiros, revê-los, com eles de novo se reunir, contar coisas, ouvir coisas? Camilo deve ter tido apenas impressão de ter visto o professor Romão. Isto às vezes acontece, nos lugares onde as pessoas costumam ser vistas; em determinadas ocasiões parece que as pes-

soas estão nesses lugares, embora não estando. É uma espécie de miragem. Uma coisa puramente ilusória. Que em geral acontece em função não apenas do hábito de uma pessoa ver habitualmente outra pessoa no mesmo lugar, mas também do desejo (ainda que inconsciente) que tem uma pessoa de ver outra pessoa.

Era muito curiosa a opinião de Dr. Inocêncio acerca da história que Camilo contara. Por um momento fiquei considerando a coisa. E então me pareceu que era como uma pessoa ter fitado por algum tempo uma lâmpada acesa, e depois apagar de repente essa lâmpada, assim: clique. Na escuridão ainda fica por um instante (ainda que por um efémero instante) um círculo efémero de luz no ar, como talvez (digamos) uma espécie de rastro luminoso que a lâmpada acesa, ao apagar-se e ir-se embora na escuridão, deixa na escuridão. Isto explicava (quem sabe) a história de Camilo. A visão de Camilo. O engano de Camilo quando na janela do apartamento viu (sem ter visto) o professor Romão. Vira em verdade só a imagem do professor Romão. Um

modo de alguém *ver* uma lembrança, de uma lembrança fazer-se vista.

E então Miguel Pompa, que de toda maneira tentava a seu modo encontrar uma explicação realmente lógica (mais plausível talvez) para o engano de Camilo, disse que bem podiam ter colocado na janela do apartamento, para dar a impressão de que era o professor Romão, apenas um boneco: um falso professor Romão. Camilo mencionara aliás essa coisa de boneco. Acenou para Romão, Romão não respondera, parado estava, parado ficou — como um boneco. Por que não haveria de ter sido mesmo um boneco *aquilo* que Camilo vira na janela, e que logo depois retiraram da janela, ficando apenas na janela a cortina balançando, balançando, o vento dando na cortina e a cortina balançando, esquiva forma branca, esvoaçante enigma?

Mas por que haveriam de recorrer a um boneco, à imagem e semelhança do professor Romão, para dar (só para dar) como esse boneco a ilusão de que ali na janela estava mesmo — em pessoa — o professor Romão? Não, não; tudo fora mesmo um engano de

Camilo, Camilo não vira coisa nenhuma, não vira o professor Romão, nem nada. Camilo estava vendo coisas. E isto podia até ser grave, do ponto de vista médico. Disse tudo isso Dr. Inocêncio, depois de ouvir aquela ideia (talvez estapafúrdia) do boneco imaginado por Miguel Pompa. Um boneco! Que coisa mais louca. O trabalho que daria fazer alguém um boneco igualzinho a uma pessoa. Não, não: não tinha havido boneco nenhum. Só tinha havido o engano de Camilo.

E é claro (disse ainda Dr. Inocêncio) que seria e era mesmo de todo desaconselhável que algum de nós, para tirar a dúvida fosse perguntar ao filho do professor Romão se o professor Romão havia chegado. Sim, que estava perguntando (diria a pessoa ao filho dele) porque um amigo nosso, o Camilo, teve a impressão de ter visto hoje (ou ontem, ou anteontem) na janela do apartamento o professor Romão.

— Nunca se sabe realmente o que um jovem pode responder a um velho. Como um jovem pode tratar um velho numa situação dessas,

ou mesmo em qualquer situação — concordou ainda Dr. Inocêncio.

E lembrou-se da história de Omar, e citou-a como exemplo, não tínhamos visto o que aconteceu a Omar? Omar teve um filho (aquele rapaz chamado Chico Armando) que teve paralisia infantil, vocês se lembram, não é verdade? Omar sofreu, padeceu com a doença do filho, então um menino. Andava com o filho nas costas, como um manso burrinho branco de carga, carregando por toda parte o filho: consultórios médicos, hospitais, jardins, parques com um lago dentro, onde ele punha para navegar barquinhos de brinquedo, para distrair o filho, e os barquinhos iam e iam navegando, e o menino batendo palminhas de contente). Que trabalho deu a Omar o filho Chico Armando! Aí o filho Chico Armando cresceu, ficou rapaz, se enturmou com um pessoal do *rock*, levava todo mundo para casa para ouvir *rock* (tinha uma grande colecção de *tapes* roqueiros, que Omar comprara e comprando foi para ele). E era *rock*, e tome *rock*, um medonho barulho, e Chico Armando (embora capengando) dançando sem parar, num

embalo. No embalo do *rock.)* Um dia Omar veio sentar-se na sala, para ver o filho se distrair com o *rock* e com os seus roqueiros amigos. Embora Omar odiasse barulho de *rock*, o som ligado naquela altura toda, ficou na sala com cara de contente, rindo. Então, de repente, que aconteceu? Sei que é verdade, porque foi o próprio Omar, quase chorando, que me contou aqui no consultório, disse Dr. Inocêncio. E contou que o filho Chico Armando chamou o pai Omar lá dentro, e disse bem assim — escuta, velho, vê se fica por aí em qualquer lugar, menos na sala, tá? A turma acha você muito chato, sabe, velho? E eu já vi que tu és mesmo chato, sabe, um chato, enchendo a gente com a tua chatura. Se esconde onde quiser, mas por favor não me apareça lá na sala.

— Mas que canalha — Miguel Pompa rosnou. — Ainda bem que eu não tive filhos — disse.

E citou a frase daquela personagem de um esquecido livro meu, que eu próprio já esquecera, quem sabe? Aquela frase assim: Todo filho é um bom filho da puta.

E Dr. Inocêncio tornou a desaconselhar o

contacto que qualquer de um de nós fizesse com o filho do professor Romão, para perguntar a ele se o pai já havia voltado. Embora (o próprio Romão o dissera) o tal filho dele fosse muito bonzinho, que até o levara à universidade para ele ver o novo robô de professor que chegara, nunca se sabe o que ele — um jovem — podia responder a um de nós outros: a um velho.

Era melhor esquecer, mesmo porque Camilo se enganara, claro que se enganara, Camilo não tinha visto o professor Romão na janela do apartamento, nem em nenhum lugar, nem vira coisa nenhuma, fosse o que fosse, não vira nada. Nem boneco nem nada.

Imaginem se eu (vamos dizer que fosse eu) perguntasse assim ao filho do professor Romão: Seu pai já voltou? E ele me respondesse, por exemplo: Porra! tu és um velho perguntador pra caralho, sabia?

Ia ser realmente muito desagradável.

EM seu automóvel, que ele próprio dirigia, Dr. Inocêncio foi nos pegar na esquina, onde havíamos combinado o encontro — ele, Miguel Pompa e eu. E partimos em seguida para o bosque dos Olmos, onde na cabana de Emílio, o pintor, devíamos encontrar o cavaleiro Perlino. Curioso, durante o trajecto conquanto breve, não dissemos uma palavra sobre ele. De automóvel era um pouco mais longe, porque tínhamos de pegar (o que aliás fizemos) a recta do caminho dos Ventos, para adiante entrarmos afinal, pela ponte Sul, no bosque dos Olmos. A pé a gente ia directo à cabana por dentro do bosque, caminhando sob os espessos olmos tranquilos, que ali cochilavam em sua solidão: os olmos sozinhos consigo

mesmos, e no entanto espessamente juntos, como pessoas descansando a cabeça no ombro de outras. Uma espécie de multidão solitária e escura.

Em quinze, vinte minutos chegámos lá, avistámos a cabana, com um flutuante silêncio em volta. O ruído do automóvel atraiu Emílio, que logo apareceu no vão da porta, no meio dos saltitantes latidos do seu pequeno cão.

E veio Emílio e nos foi dando a notícia, uma deveras incrível, que ele nos dava com uma palidez perplexa no rosto e nos olhos. E nos olhava, e nos falava, como se não soubesse o que falar, os olhos num confuso assombro falando mais por ele que a boca.

E ficámos simplesmente sabendo que o cavaleiro Perlino desaparecera. Emílio saíra no dia anterior para fazer umas compras na vila, e quando voltou (pedalando a sua bicicleta carregada de compras penduradas como uma árvore de Natal) não encontrou mais Perlino onde o havia deixado: na cabana, fumando na sala o seu cachimbo, cachimbo que ele Emílio lhe dera de presente, sabendo como ele gostava de cachimbo. Na cabana havia ainda um

cheiro de tabaco no ar quando Emílio chegou. Mas o cavaleiro Perlino não estava na cabana, nem na sala, nem em lugar nenhum.

— Encontrei em cima da mesa uma carta — Emílio disse, e foi logo nos mostrando a carta. — Encontrei em cima da mesa esta carta muito estranha, que ele Perlino não dirigiu a ninguém, nem mesmo a assinou. Olhem aqui, leiam, vejam que coisa, olhe aqui, Dr. Inocêncio, veja que carta mais estranha.

E lemos todos nós a carta, achando-a realmente muito estranha. Vou desaparecer, não quero mais ver ninguém, me desculpem, dizia a carta. E dizia ainda: não quero mais ver meu filho. Não insistam em que eu o procure, em que eu o veja, em que eu me apresente diante dele, depois do que houve. Depois que meu filho me traiu, que meu filho tentou me matar, quis me matar, eu não quero mais vê-lo. Tenho medo. Não medo dele. Medo de mim. Tenho medo de perdoá-lo.

Quando acabei de ler a carta, fui me sentando devagar, até que enfim me sentei de todo, ainda com a carta na mão. Os olhos pregados na carta, e com os olhos o meu pensa-

mento, horrorizado todo eu daquele ódio terrível, que lampejava como um punhal na escuridão. O cavaleiro Perlino não queria ver o filho, com medo de perdoá-lo. Esta carta é de uma absoluta insensatez, disse Dr. Inocêncio, pegando por sua vez a carta, como se de novo a fosse ler. Eu já não sei mais nada, disse Miguel Pompa. Se o que ele contou aqui foi verdade (disse Emílio, o pintor), talvez melhor seria que o filho o tivesse matado, do que ele ter escapado da morte com todo esse ódio. Estávamos assim os três, em volta daquele ódio como em volta de uma mesa. E afinal, teria havido mesmo a tentativa de assassinato, quer dizer, teria o filho de Perlino tentado mesmo matá-lo, ou o ódio de Perlino era tão insensato (Dr. Inocêncio achava que era) quanto a sua insensata história?

— Quer dizer que o senhor não acredita na história dele, Dr. Inocêncio? — perguntou Emílio.

Por favor, que Emílio não o tratasse por *senhor*, pediu Dr. Inocêncio, nem mesmo queria que o chamássemos de *doutor;* não esquecêssemos que ele era um dos nossos: um de nós

como cada um de nós. Mas era difícil para nós isso. E continuámos a chamá-lo de doutor todo o tempo. Mas que pelo menos não o tratássemos por *senhor*, ele pediu. E Emílio disse assim: a esta altura eu já nem sei se isto importa, ou mesmo o que importa. Tudo que sei é que uma desgraça aconteceu a um companheiro nosso. E se ele inventou essa desgraça, nem que isso ela é menos grave. Que desgraça maior que a loucura pode acontecer a um homem? Pobre cavaleiro Perlino.

— Eu já o procurei por toda parte — Emílio ainda disse. — Peguei a minha bicicleta, saí pelos arredores, andei pelas veredas, fui até à beira do rio, chamando Perlino! Perlino! e não encontrei nem sinal dele. Esgotei inutilmente todas as minhas possibilidades de busca.

Então Dr. Inocêncio pensou um instante, e disse que tinha ido até à cabana ver Perlino, e possivelmente examiná-lo. Ante o desaparecimento dele (haveríamos de encontrá-lo em algum lugar, sem dúvida), queria de toda maneira ver o quadro, que ele Perlino insistia em dizer que era uma representação fiel (con-

quanto fantástica) do lugar até onde o filho o levara para matá-lo.

— Impossível — disse Emílio.

Como impossível? Foi o que ele leu (ou foi o que viu), como um grito reflectido em nossos olhos cheios de um fulgor de espanto.

Levantou-se, foi lá dentro, e de lá de dentro voltando, exibiu-nos um quadro confusamente coberto de grossas camadas de tinta. Eis o que sobrou do quadro, Emílio disse, levantando no ar o quadro, e com ele cobrindo o peito como um emblema vermelho, em cuja borrada superfície se espelhava em rodamoinhos uma infatigável ventania de amarelos. O impossível quadro.

— Mas que é isto! — disse Dr. Inocêncio recuando os olhos golpeados. E doíam-lhe mesmo os olhos, e os olhos também nos doíam com o fitar de súbito e com dor no quadro (onde havia antes uma antiga placidez) esse agora braseiro ardente de cores estraçalhadas. A destruição.

Aliás foi isto que Dr. Inocêncio mencionou: a destruição: a destruição como um impulso cego.

— Isto evidencia que se apossou dele uma fúria destruidora — Dr. Inocêncio disse. — Um querer tudo destruir, para assim tentar esquecer tudo.

— Sim, sim — disse Emílio —, embora não querendo se autodestruir, ele Perlino de alguma forma se autodestruiu, destruindo o quadro. Ou destruindo aquilo que o quadro representava na sua lembrança.

E eu então pensei (só por um instante) que a lembrança do cavaleiro Perlino era ele próprio. E me pareceu inútil pensar no quadro, que já não existia mais, que eu já não podia (se fosse o caso) reencontrar debaixo daquelas grossas camadas de tinta em desespero, o fim de tudo: a verde relva e o arco branco (com Germaine acenando numa sombra trémula) estilhaçados debaixo dos borrões de tinta como um cristal. Ali estava diante de mim o quadro. O quadro que já não era o quadro. O quadro que já não era nada.

— É pena, é pena — Dr. Inocêncio disse, olhando com desolados olhos o nada que tínhamos diante de nós: o quadro ultrajado.

Talvez o quadro o ajudasse de alguma

forma a compreender (quem sabe) a história do cavaleiro Perlino. Daquele quadro, para sempre perdido, talvez lhe viesse alguma luz, como através de um vitral: uma talvez como entremeada verdade, velejando numa réstia de sol.

Mas o quadro já não existia mais.

CHEGUEI a pensar em pintar outro quadro, Emílio disse, mas Dr. Inocêncio achou que não seria a mesma coisa. Miguel Pompa foi da mesma opinião. Embora o quadro me pertencesse (Emílio o pintara para mim), também não me agradava a ideia de fazê-lo substituir por uma cópia — porque efectivamente seria uma cópia e não (a rigor) um novo quadro. É que o quadro original era para mim o meu sonho. O sonho que eu tinha tido com Germaine. E um sonho não se substitui por uma cópia. A cópia de um sonho é um falseamento do sonho. Qualquer coisa assim como uma sensação física tentando substituir uma sensação da mente.

— A mim me interessava em suma ver o

quadro que o cavaleiro Perlino viu — disse Dr. Inocêncio. — Era importante ver o mesmo quadro que produziu nele tão exacerbada perturbação de espírito, tão iracundo horror. Mas se ele fez desaparecer sob camadas destruidoras de tinta a paisagem que o quadro captara, a reprodução dessa paisagem podia ser tudo, menos a paisagem em que ele pôs os olhos: os seus olhos pânicos. Houve entre ele e essa paisagem pintada uma comunicação subjectiva que eu sem dúvida não poderia avaliar numa cópia. E é pena. Mas um novo quadro não será jamais o quadro que ele viu. Entre a lembrança de um e a execução de outro haverá sempre um segmento de impenetrável conhecimento. Uma espécie de vácuo.

E Miguel Pompa, condenando a ideia de Emílio pintar um novo quadro, para com isso tentar fazer o mesmo quadro (ou simplesmente refazê-lo), disse que isso equivalia a uma violação da vontade do cavaleiro Perlino. Era como se quiséssemos abrir nas profundezas da memória dele uma janela que ele Perlino fechara para sempre. Perlino nos inspira pena, uma funda e sincera pena, e não essa

espécie de traição que seria fazer pintar de novo o quadro que ele não queria ver, Miguel Pompa disse.

E disse assim Emílio, o pintor: por favor, não imaginem que eu penso de maneira diferente que vocês. Acho mesmo (que o desculpasse Dr. Inocêncio) que o quadro, borrado como foi por Emílio, talvez ajude mais a compreendê-lo que a visão da paisagem que ele fez desaparecer sob os borrões. Não há dúvida que ele fez isto num acesso de loucura. Talvez isso seja mesmo uma prova de que ele ficou louco. Uma prova de que ele está mesmo louco, coitado.

Sim, sim, concordou com a observação Dr. Inocêncio, desde o início aliás considerara uma prova cabal da insensatez do cavaleiro Perlino o ter ele danificado com tamanha determinação a tela. Em vez de simplesmente rasgar, destruir enfim de alguma forma a tela, ele cobrira de tinta a paisagem nela pintada, como se em verdade estivesse pintando sobre ela outra coisa. Talvez o seu desespero. O desespero em que fez desaparecer a paisa-

gem que ele não queria ver, que tinha horror de recordar.

E disse então Emílio que quando pensou em pintar outro quadro, não foi para de alguma forma substituir o quadro danificado (ou inutilizado), mas para reproduzir um possível documento útil ao descobrimento da história contada pelo cavaleiro Perlino. Ele mencionara um determinado lugar para onde o filho o teria levado e tentado matá-lo. E reconhecia como sendo exactamente esse lugar a paisagem pintada no quadro (embora a paisagem nada mais fosse que um sonho que eu Aleixo tinha tido com Germaine). Assim um novo quadro poderia ajudar, quem sabe, a localização do lugar mencionado por Perlino.

— Mas esse lugar não existe — disse Dr. Inocêncio. — Ou só existiu na tela, quer dizer, no sonho de Aleixo. A história contada por Perlino nada mais é que a história de sua própria insensatez.

E embora para mim só existisse o meu sonho, e para Emílio a tela em que ele o pintou, Dr. Inocêncio nos convenceu (e também a Miguel Pompa) que não podia haver tal

lugar: o lugar aquele com o arco branco sobre o campo coberto de relva. As autoridades aeronáuticas tinham todo o nosso território cadastrado. Tal lugar — se existisse — já teria sido naturalmente localizado pelas autoridades aeronáuticas.

A simplicidade dessa explicação nos trouxe o alívio de uma constatação muito grata: Perlino não fugira de um lugar onde os filhos matavam os pais, um lugar assim, com um grande campo relvado e um grande arco branco como um mausoléu, porque um lugar assim ninguém podia esconder debaixo de um manto (um manto talvez cinzento) que logo as autoridades aeronáuticas não o soubessem. E que (sabendo-o) logo não fizessem descer sobre ele como abelhas os seus fiscalizantes helicópteros zumbidores, que no ar zumbindo tudo viam do ar.

EM nossa reunião nas ruínas do convento, soubemos (Miguel Pompa e eu) que Omar, Orozimbo e Rocha (o Rocha Dória) tinham sido na semana anterior levados para fora pelos filhos. Novos companheiros que nos deixavam. Estavam presentes, além de Miguel Pompa e eu, os outros, a saber: Justiniano, Camilo, Esmeraldo e Maximiano. Só nós seis. Havia em nossos olhos um indefinível medo. Uma espécie de marulho silencioso, que vinha das escuras profundezas de secretas ondas, a se espraiarem numa praia escura. Todavia fomos aos poucos vencendo o medo, e começámos a falar baixo, muito baixo, numa honesta precaução de não sermos de alguma forma ouvidos.

E o cavaleiro Perlino fugira, antes que pudéssemos (com a ajuda de Dr. Inocêncio) apurar o que havia de verdade em sua história. Mas estava fora de dúvida que aquele lugar — o campo relvado com um arco branco como um túmulo, ou um mausoléu, de onde no meu sonho Germaine me acenava — não existia. Se existisse, as autoridades aeronáuticas saberiam da existência dele, ninguém pode esconder dos helicópteros da aeronáutica um tão grande campo com um tão grande arco branco. O cavaleiro Perlino, em sua mansa loucura, viu o que não tinha visto, ou confundira o que tinha visto com o que não vira, sua memória turbada pela insensatez como uma trémula colina oculta numa nuvem. Mas, e se de alguma forma (em outro lugar) o filho de Perlino tentara mesmo matá-lo, como outros filhos tinham matado os pais, sem que os pais tivessem logrado escapar da morte? Talvez houvesse mesmo um lugar (um lugar que não aquele) para onde os filhos levavam os pais e os matavam, sem ninguém saber. Uma coisa combinada entre eles, os filhos. Uma solução que eles filhos talvez tivessem de uma ou de

outra forma encontrado para se livrarem dos pais velhos. Para remover do caminho deles os pais. Os já inúteis pais. A supressão dos pais pela morte não adiada.

Talvez o cavaleiro Perlino (se não houvesse fugido) pudesse conduzir a essa sinistra descoberta. A esperança era que o Dr. Inocêncio o induzisse a isto, desembaraçando-o da teia de sua insensata fantasia, e trazendo à tona — como retirada de dentro de um poço de grossa água cinzenta — a verdade que ele sepultara em sua mente confusa.

— Seja como for, acho que já esperámos mais do que devíamos, para levar esses estranhos factos ao conhecimento das autoridades — Miguel Pompa disse de repente.

Um grande silêncio nosso desceu como uma redoma opaca sobre a sua ideia. Olhámo-nos, e nos entreolhámos. E o medo voltou a soprar como um vento frio em nosso coração. Um medo impulsionado por uma espécie de intranquilidade ardente, que desestimulava a nossa curiosidade. Como se diante de nós (no fim de um caminho) houvesse explodido de repente o fulgor de uma reverberação intensamente ama-

rela e vibrante, que nos obrigava a fechar os olhos para suprimindo-a protegê-los. E ao mesmo tempo proteger-nos.

Não, não podíamos sob nenhum pretexto recorrer às autoridades, eu Aleixo disse. E não falava só por mim, exibindo como uma rútila maçã madura a minha opinião, mas falando sobretudo por Dr. Inocêncio. Falando sobre a conversa que a esse respeito tivéramos os três — ele, Miguel Pompa e eu. Miguel Pompa parecia haver esquecido a conversa, quando sugeriu que recorrêssemos às autoridades. Talvez ele o fizera num impulso honesto de desvendar de alguma forma a verdade, sem no entanto medir as temerárias consequências disso. Não havia mesmo (sem risco para cada um de nós, e para todos nós) como nos lançarmos à verdade e de alguma forma a agarrarmos com as nossas mãos, para que assim exibíssemos como um troféu o incêndio de sua luz.

Não nos enganássemos, eu disse, repetindo Dr. Inocêncio (Miguel Pompa então presente à nossa conversa), nós os velhos estávamos marginalizados na sociedade em que vivíamos, como uma consequência natural de uma filo-

sofia de estado e dos deveres do cidadão. Todos os cargos da administração (civil e militar) eram ocupados por nossos incríveis inimigos naturais: os jovens. Os nossos — de uma ou de outra forma — próprios filhos. Inútil recorrermos a eles. Eles simplesmente não nos dariam ouvidos. Ou apenas fingiriam que davam, para em verdade nos dissuadir a irmos adiante com as nossas queixas ou denúncias. Se estavam matando velhos — os próprios filhos matando os pais — não seria uma denúncia que contra isso fizéssemos que iria alterar a situação. Eles nos mandariam de volta para as nossas ainda possíveis casas, desestimulando que prosseguíssemos em nossas queixas. E até mesmo nos inflingindo sanções legais, sabia-se lá de que tipo. Ou simplesmente nos dizendo com a voz autoritária deles assim — vocês são uns idiotas. E achariam que estávamos inventando coisas. Não, não, esquecêssemos aquela ideia (em verdade tão ingénua) de recorrermos às autoridades pedindo providências contra os desaparecimentos já então frequentes dos velhos, incluindo os nossos companheiros — e sobretudo o caso

enigmaticamente terrível do cavaleiro Perlino.

E à nossa volta Justiniano olhou para Camilo, e Camilo para Justiniano, e os dois para Maximiano e Esmeraldo, que para eles também olharam, e todos olharam para nós, como se buscassem agarrar-se a alguma esperança derradeira, como a um frágil arbusto à beira de um abismo, para afinal sem nenhuma esperança rolar para o fundo do abismo.

E nunca nos sentimos tão sozinhos em nossa solidão. Descobríamos de repente (como sem querer uma pessoa vê pela janela voar lá fora um pássaro) que não éramos nada. Que havíamos perdido tudo. E na perda de tudo sentíamos a perda atribulada de nós mesmos.

OUVIMOS o ruído de um carro (como um golpe fundo e dilacerante abrindo em dois o silêncio), era Dr. Inocêncio que sem nos avisar vinha ao nosso encontro nas ruínas do convento. Sabia que estávamos reunidos lá.

Chegou e foi nos contando que tivera informações (seguras) de que o governo construíra uma nova cidade-asilo para confinar os velhos. Estava apenas construída em parte, mas já havia muitas acomodações disponíveis. Ficava no vale do Verão Vermelho, do outro lado da montanha, na região dos Lagos. Nunca ele estivera em semelhante lugar, que nenhum de nós aliás também conhecia. Mas tinha olhado no mapa, era longe.

— E como só agora soube disso, Dr. Inocêncio? — perguntou Miguel Pompa. — Eu

por mim nunca ouvi falar disso antes: só agora.

Era muito fácil de explicar (respondeu Dr. Inocêncio), é que as autoridades não estavam interessadas em divulgar a notícia, antes pelo contrário mantinham sob o maior sigilo possível a construção da nova cidade-asilo, para não inquietar os velhos. Mas as famílias fazia já algum tempo estavam levando para ela os seus velhos.

— Será que foi para lá que levaram os nossos companheiros? — Camilo perguntou, com uma espécie de alvoroçada esperança.

Era possível que sim. Por que não? Levar os pais para passar uma temporada fora (nunca se sabia para onde) podia ser apenas uma desculpa delicada que os filhos haviam arranjado para dar uma satisfação aos amigos dos pais deles que pelos pais deles perguntassem. Como por exemplo no nosso caso, com os nossos desaparecidos amigos. E sobretudo podia ser uma desculpa ainda mais delicada dos filhos para não chocar os pais, na hora talvez dura de mandá-los embora de casa, de afastá-los do caminho da família, assim sem

mais nem menos, como quem esvazia de coisas inúteis uma gaveta. Ou retira de um jarro uma flor murcha, que já não faz falta.

— Pobres filhos — Maximiano suspirou. — Que preocupação em não chocar os pais!

— Pois eu digo o contrário — disse Esmeraldo. — Pobres de nós! Depois do que acabo de saber, comigo é que essa desculpa não vai colar. Afinal talvez estejamos melhor na cidade-asilo do que na casa dos nossos filhos.

— Ou na cidade dos nossos filhos — corrigiu Esmeraldo. — Porque em verdade a cidade onde ainda moramos é deles. Aqui não somos nada. E numa cidade de velhos seremos pelo menos velhos — e isto dizendo, Esmeraldo sorriu: pareceu-lhe engraçado o que dissera. Afinal nada mais engraçado do que uma coisa triste.

Tudo indicava que para lá (para a nova cidade-asilo) tinha sido levado pelo filho o cavaleiro Perlino, disse Dr. Inocêncio. E de lá fugira o cavaleiro Perlino, inconformado com a sua nova situação. Haveria de querer voltar para casa, para o seu cantinho, o seu velho cantinho de sempre, cálido como um

ninho, de onde talvez via pela janela o rio passando lá fora debaixo da ponte, e voando sobre o rio todas as manhãs as gaivotas. Sofreu certamente um choque, um choque muito forte, que por dentro e de alto abaixo o abriu em dois. Em sua perturbação mental, certamente confundiu a cidade-asilo com a paisagem pintada por Emílio: e tendo transferido para o quadro o seu horror da cidade-asilo, inutilizou com espessos e alucinados borrões de tinta a tela. Queria suprimir da memória o lugar que odiava.

— Teria sido uma crise de amnésia? — Miguel Pompa perguntou, interessado nas conclusões de Dr. Inocêncio, que aliás também me pareciam muito interessantes. Afinal era sempre uma explicação: um modo de sabermos a respeito do cavaleiro Perlino alguma coisa, talvez a exacta coisa.

Dr. Inocêncio disse então que podia ter sido uma crise de amnésia, o esquecimento não total, mas parcial (ou simples diminuição) da memória. O cavaleiro não se lembrava de onde tinha vindo. Mas em verdade parecia mais tratar-se de uma crise de insanidade mental: uma

loucura súbita. O choque mortal que teve com a ida para a cidade-asilo podia tê-lo levado a um estado de insensatez. Uma pessoa em crise de amnésia não podia ter fantasiado toda aquela sinistra aparelhagem que o filho teria usado para matá-lo. A mente do cavaleiro Perlino, sob o efeito de uma espécie de perversão, imaginara e fizera funcionar (na imaginação) a máquina da morte (digamos assim) escondida sob o arco. Para ele era importante fazer crer que o filho tentara matá-lo. Era um meio de vingar-se do filho por tê-lo afastado do convívio da família. Mas teria ele se esquecido mesmo da cidade-asilo, ou simplesmente a projectara (em sua insanidade) na tela pintada por Emílio? Certamente seria mais fácil fazer crer que o filho tentara matá-lo num lugar deserto que numa cidade-asilo. Numa cidade-asilo haveria naturalmente um serviço de vigilância, não era verdade? Sim, era sem dúvida bem mais difícil.

Foi quando (repentinamente) eu interrompi Dr. Inocêncio para lembrar-lhe que antes do cavaleiro Perlino ver o quadro ele tinha descrito o lugar aquele para Emílio —

e que esse lugar era exactamente o do quadro. Pelo menos segundo ele. Acha que tenha sido mera coincidência? perguntei (sem intenção de insinuar coisa alguma).

Dr. Inocêncio pensou um instante, e por um instante entrecerrou os olhos, como se a sua mente e o seu olhar trocassem por um instante entre si uma mensagem secreta. E afinal, olhando-me com melancolia, disse assim:

— Acredito que teríamos esclarecido isto se eu houvesse conversado com o cavaleiro Perlino. De modo geral, era indispensável que eu o visse, que eu lhe falasse, enfim, que conversássemos. Foi mesmo uma pena, se não fosse também uma desgraça, ele ter fugido.

Mas acabou tecendo a esse respeito algumas considerações, ainda que vacilantemente, como se ao longo delas fosse acendendo tímidas velas para abrir caminho na sua conversa, e dizendo foi que a rigor o lugar aquele (o campo relvado com o arco branco ao fundo) não existia. Tinha sido apenas o produto de um sonho meu: da minha imaginação. O que teria dado ao meu sonho um talvez sentido de premonição para o facto do cavaleiro Perlino

haver reconhecido no quadro o lugar onde estivera com o filho e que descrevera para Emílio antes de ver o quadro. Mas que teria sido a sua visão do lugar senão também uma espécie de sonho, na fantasia de sua perturbação mental? Perlino, em sua crise de loucura, assim como os loucos pintam no hospício quadros aparentemente incompreensíveis pelos não-loucos, ou quadros que só eles loucos compreendem, também Perlino, porque não, pode ter imaginado a paisagem pintada por Emílio e sonhada por Aleixo. E ter assim como que pintado na imaginação o lugar que só depois iria ver pintado no quadro. O que quer dizer que vocês dois — você em seu sonho, Perlino em sua crise de loucura — podem ter coincidentemente imaginado ter visto um mesmo lugar. Um lugar que afinal não existe.

A explicação me pareceu fascinante. Conquanto não fosse a rigor uma explicação, era a história de um mistério. O mistério das coincidências, a carta que não respondemos e que por acaso encontrámos esquecida na gaveta, no dia em que anos depois (também por acaso) sabemos da morte de quem nos escreveu.

E estávamos mais uma vez reunidos nas ruínas do convento (numa terça-feira, talvez quinta, enfim pouco importa o dia), quando ali foi ter Emílio, o pintor, com a sua bicicleta, desplumado pássaro azul. Estava transtornado, ele, que era de natureza calmo, parecendo-me às vezes até mesmo alheio às coisas: às coisas, essas coisas que nos vão cercando ao longo da vida, como um pelotão numa manobra militar, às vezes duramente, outras amavelmente, manobra de soldadinhos de chumbo. E a gente no meio, tentando pôr em ordem as coisas, como livros numa estante, cadeiras numa sala. Ou como lápis e borrachas numa gaveta.

E chegou ele Emílio e nos foi dizendo,

olhem, vocês têm de me ajudar a tomar uma providência qualquer, fazer qualquer coisa, afinal o cavaleiro Perlino estava escondido lá em casa e de lá fugiu, deixando aquele bilhete que vocês viram, sem destinatário, sem remetente. Não há dúvida que o bilhete foi escrito por ele. Mas ele não assinou o bilhete. Uma loucura.

Mas o pior não era isto.

E ele contou que pela manhã surpreendera no bosque dos Olmos dois rapazes de boné amarelo, olhando com um binóculo para a cabana. Não havia dúvida que estavam inspeccionando alguma coisa. Mas que coisa? Tudo estava como sempre, no lugar, em seus lugares: o céu lá em cima, com nuvens de ilhas brancas boiando num mar azul, os olmos em seu cochicho verde, copa de um no ombro do outro; e pássaros voando, enfeitando de cantos e de cores a brisa, que passava e passando ia, deixando nas sussurantes águas do córrego o seu sussurrante rastro.

Não. Inspecção de alguma coisa, no lugar? Não. Era outra coisa, claro; os dois rapazes de boné amarelo deviam estar investigando a

possível presença do cavaleiro Perlino no lugar. De alguma forma (eram afinal investigadores) tinham sabido que na cabana se escondera um homem, o cavaleiro Perlino; que o cavaleiro Perlino fugira de algum lugar (talvez quem sabe do lugar pintado no quadro, o campo relvado com um arco branco ao fundo), e agora fugira de novo, para onde? Talvez não estivesse muito longe dali, perdido quem sabe nas imediações do bosque dos Olmos. E era isto que faziam ali (com o seu binóculo) os rapazes de boné amarelo: tentavam encontrar, ou descobrir, o cavaleiro Perlino.

Nós, os restantes do grupo, ouvimos com toda a atenção o que contava Emílio. Mas você devia ter interpelado os rapazes, disse Miguel Pompa, sem talvez se lembrar de quanto isto seria difícil: nunca se sabia o que um desses rapazes podia responder a um velho, fosse em que lugar fosse, e não apenas — ou especificamente — ali no bosque dos Olmos.

E respondeu Emílio, para dizer que embora houvesse por um momento hesitado em fazê-lo, pela justa razão essa, de medo da resposta, saíra da cabana e fora interpelar os rapazes

do binóculo, com os seus bonés amarelos. Talvez eles parecessem dois besouros. Dois besouros que afinal voaram, porque desapareceram como por encanto no meio dos olmos. E Emílio ainda os rebuscou, gritando *Ei! Ei! Ei!* e não teve resposta. Não ouviu nada, e nada mais vira.

E foi com um medo pontiagudo como um punhal furando-o por dentro que voltou para a cabana. E pelo caminho (enquanto andava sob os olmos, o passo apressado) começou a pensar em se mudar dali. E quando chegou à cabana já estava resolvido a se mudar. Procuraria alugar outra cabana, do outro lado das montanhas, onde havia umas várias desocupadas. As montanhas com as suas florestas de abetos.

Nenhum de nós sabia o que dizer. Mal podíamos nos entreolhar, em busca de uma ideia que viesse de alguma forma em nosso apoio, para dar sentido àquela estranha história que se complicava e que se enredava.

— Não acham que vou fazer uma coisa acertada? — perguntou Emílio, buscando com essa pergunta uma resposta, como quem de

chofre descerra uma cortina para deixar entrar a luz.

Miguel Pompa e eu aprovámos a mudança, enquanto Justiniano (guardando desordenadamente as pedras do dominó na caixa) dizia assim: primeiro esconde-se o cavaleiro Perlino na cabana, contando uma história difícil ou mesmo impossível de acreditar; depois foge, deixa uma carta sem destinatário (é de crer que o destinatário seja Emílio, ou mesmo todos nós juntos, seus amigos e companheiros); e por fim aparecem no local, talvez à procura dele, dois rapazes de boné amarelo, que em seguida misteriosamente desaparecem. Não; em verdade é de mais! Não há como Emílio continuar morando no mesmo lugar. Também aprovo a mudança — Justiniano disse.

— E eu também — disse Camilo.

E Esmeraldo e Maximiano também. E Maximiano aliás ainda disse que conhecia as montanhas. Era um lugar muito tranquilo, com as suas florestas de abetos. Havia todo tempo como uma música no ar: os sussurros dos abetos, algo assim como a respiração das montanhas.

Se aprovámos a mudança, fomos todavia contra a ideia que por um momento (um breve momento inconsequente) Emílio teve de procurar as autoridades.

— As autoridades são os rapazes de boné amarelo — Miguel Pompa disse. — Estamos cercados de rapazes de boné amarelo. São eles que mandam. E eles só acreditam em si mesmos, uns nos outros. Que pode valer a palavra de um velho numa sociedade que marginaliza os velhos? Não valemos nada. Nossa palavra não vale nada. Não somos nada. A nós só nos resta o medo.

E se tudo já era muito claro, mais claro ainda ficou. Fosse Emílio, o pintor, dizer às autoridades que um seu amigo, fugido não se sabia de onde (teria sido do lugar pintado no quadro?), se escondera em sua casa, de onde depois fugira, o que aconteceria? A autoridade, admitindo-se que o recebesse, e o ouvisse, responderia assim talvez: tu estás mentindo, velho; esse teu amigo só existe em tua cabeça; tu mentiste duas vezes: primeiro dizendo que esse teu amigo se escondera em tua casa, e depois que fugira de tua casa. Vai, vai-te

embora, velho, já me fizeste perder tempo de mais.

A impressão que eu tenho é que estou sendo espionado, disse Emílio. Mostrava-se sensível às nossas considerações sobre a inutilidade de procurar as autoridades: autoridades que em suma não eram autoridades nossas. Não podíamos contar com elas. O melhor a fazer era mesmo mudar-se do bosque dos Olmos. Não havia mesmo outra coisa que fazer.

Às vezes me sinto tão confuso (disse Emílio) que não sei se o cavaleiro Perlino esteve mesmo na minha cabana. Mas é claro que esteve! eu disse. Todos nós vimos lá o cavaleiro Perlino.

— Ah, é verdade... — disse Emílio. — Esteve lá, e fugiu de lá. E deixou aquela tão estranha carta. E inutilizou o quadro com todos aqueles borrões de tinta. Como pôde acontecer tudo isso? Agora aparecem os dois rapazes de boné amarelo, com o binóculo. Chego a pensar que estou ficando louco.

— Mas, Emílio, você tem mesmo certeza de que viu os rapazes com o binóculo? — Miguel Pompa perguntou, achando de repente

impossível reunir todas aquelas coisas numa coisa completa e perfeita: assim como de outro lado de uma vidraça o dia amanhecendo.

Emílio apertou a cabeça entre as mãos, com as mãos, suas longas mãos pálidas.

— Não sei... não sei mais nada... Às vezes acho que não sei mais nada...

EU estava voltando (com Miguel Pompa) da minha habitual caminhada pelo cais, quando vimos os dois passar num triunfal arranque um camburão com um ramalhete de bonés amarelos. Atrás e no mesmo arranque passou outro camburão. Já fazia algum tempo (talvez mais de um mês) que eu não via essa movimentação da guarda motorizada. Lembrámo-nos no mesmo instante dos dois rapazes que Emílio vira no bosque dos Olmos, nas imediações de sua cabana, aparentemente investigando qualquer coisa com o binóculo. E com os seus bonés amarelos. E logo o medo — o nosso velho e conhecido medo — cresceu dentro de nós como uma coisa amarela.

Mais adiante, pela segunda vez nessa ma-

nhã, como uma grande vespa amarela, o medo tornou a nos picar. Mas não havia bonés. Havia uns não-bonés, uns numerosos cabelos desfeitos, varrendo arrogantemente o ar, nas arrogantes cabeças de uns jovens arregaçados em camisas de malha. Descemos prudentemente da calçada, para não incomodá-los. Eles ocupavam toda a calçada, nela derramados com as suas malhas coloridas. Nas malhas ostentavam como emblemas inscrições irreverentes. Passámos longe deles. Mas veio no nosso encalço a gargalhada deles: um rasgão na manhã.

Miguel Pompa era agora o meu último companheiro de caminhada. E (ao mesmo tempo) quase o meu último companheiro de grupo. Na véspera haviam nos deixado Camilo e Justiniano, desaparecidos sem nada nos dizer, como de resto os outros. E, como os outros, talvez tivessem sido levados para fora pelos filhos, para a nova cidade-asilo talvez, para talvez algum lugar aprazível, no campo, na montanha, na praia, onde as pessoas costumam ir nas férias. Mas (também talvez) para o lugar relvado aquele, com o arco branco... Não! Esse

lugar não existia. Só existiu no meu sonho. Só existiu na tela de Emílio. Só existiu na loucura do cavaleiro Perlino: loucura que tinha sido afinal uma espécie de sonho. Enfim, um lugar que só existiu em duas fantasias e numa tela. A arte de um pintor entre dois sonhos.

No dia seguinte desapareceria Maximiano. Estava reduzido o grupo a Miguel Pompa e eu. Ainda bem que não tínhamos filhos. Não estávamos incomodando ninguém.

Nas ruínas do convento esperámos em vão por ele Maximiano. E em pouco descobrimos (Miguel Pompa e eu) que não tínhamos mais nada que fazer ali. Em verdade ali não fazíamos nada antes. Mas o lugar, com as suas velhas paredes silenciosas, acolhia em seu doce (talvez apenas condescendente) silêncio a festa sem graça e tímida da nossa amizade. A amizade que reunira na vida os nossos restos de vida. O passado. A tristeza. O abandono. As águas de um regato melancolicamente secando sobre as pedrinhas da areia. A saudade de nós mesmos, como disse aliás um também homem velho, chamado Joaquim Maria.

O Joaquim Maria que nenhum velho esquece, nas saudades que de si mesmo sente.

E já deixávamos as ruínas do convento, talvez para nunca mais ali voltar, sem nada levar dali, uma flor sequer, sequer um espinho, mas só lembranças — quando vimos Emílio, o pintor, que dali se aproximava em sua bicicleta.

— Ainda bem que encontrei vocês — foi ele dizendo, enquanto se desviando das urzes procurava encostar a sua bicicleta junto a uma coluna do antigo adro: a coluna vestida de musgo como para uma festa.

E continuou:

— Quando disse a vocês que desconfiava de estar sendo vigiado, não me enganei. Alguém na minha ausência, enquanto fui à vila tratar do aluguel da cabana nas montanhas, entrou lá em casa e roubou o quadro e o bilhete.

— O quadro?

— Sim, o quadro que o cavaleiro Perlino inutilizou.

— Mas... — balbuciei, no clarão de um espanto.

— Sim, o quadro em que eu pintei seu sonho.

— Não é possível...

— Pois foi o que aconteceu. É o que eu lhe digo.

E Miguel Pompa, num atónito repente:

— Você falou também no bilhete... Quer dizer... na carta...

— Sim, levaram também o bilhete. Encontrei as gavetas revolvidas. Tive logo um pressentimento. Um estranho pressentimento. Fui ver, e não encontrei mais o bilhete do cavaleiro Perlino.

Afinal eu consegui reagir, dizer qualquer coisa, fazer qualquer coisa que desse um pouco de sentido ao desespero daqueles factos: arrumá-los de alguma forma. Reunir as pedras espalhadas no caminho. Sugeri que fôssemos os três a Dr. Inocêncio, imediatamente. Ninguém melhor que ele para nos dar uma opinião segura sobre o que se passara na cabana de Emílio. Dr. Inocêncio já esclarecera antes outros pontos de toda aquela já longa e estranha história. De nossa parte — da parte de Miguel Pompa e de minha parte — tínhamos

somente o nosso espanto. O nosso medo: um medo envenenado de ódios e de insolências, que não tirava de nós os olhos.

E Dr. Inocêncio, conhecedor dos anteriores factos todos, ouvidos os factos novos, sentiu que havia em tudo uma coerência de mistério. Uma realidade impossível de apalpar, como sombras sucessivamente projectadas numa parede. Um pressentimento, tecido das suspeitas das coisas exteriores. A quem podia interessar o roubo (ou o desaparecimento puro e simples) do quadro inutilizado pelo cavaleiro Perlino e a carta por ele deixada? Uma coisa e outra só podiam interessar ao desaparecimento do próprio cavaleiro Perlino. Havia na lembrança dele uma perpétua apreensão. Algo de assustador, que ainda não tivera um fim, mas que se desfazia num suspeitado e inexorável fim. Como uma fumaça se desprendendo da escuridão.

O cavaleiro Perlino continuava — segundo Dr. Inocêncio — a accionar com a sua talvez indesejada lembrança todo o mecanismo daquele mistério: suas invisíveis peças. Não havia dúvida que os rapazes de boné amarelo

o buscavam. Ninguém senão eles entrara na cabana e levara o quadro e a carta. Os mil olhos dos espiões. O quadro e a carta haviam desaparecido neles como num grande poço escuro. Um poço de cinzenta água grossa. Onde as coisas mergulham para sempre. E o segredo se faz segredo e segredo fica.

EMÍLIO, o pintor, mudou-se afinal para as montanhas, onde foi acabar os seus dias numa pequena cabana de madeira, no meio de uma floresta de abetos. No dia da mudança, pouco depois de deixar o bosque dos Olmos, quando chegava já à vila no caminhão que transportava os seus trastes (telas, tintas, pincéis, uns poucos móveis, enfim, as coisas que como um pequeno cortejo de borboletas o seguiam esvoaçando em torno da sua solidão e da sua vida), soube que pela manhã haviam pescado no rio um corpo. Um homem morrera afogado. Provavelmente se suicidara.

Emílio (ele nos contou tudo isso depois) pensou logo no cavaleiro Perlino. Um pressentimento oprimiu-o. A mente perturbada de

Perlino, perseguida por um vento de loucura, buscando na destruição de si mesma o seu descanso. Ou a sua verdade. O suicídio abrindo-se como uma porta. O mergulho no rio. O mergulho no nada. Como numa espécie de escuridão translúcida.

Mandou o caminhão parar em frente do necrotério. Um escuro corredor pegou-o, atirou-o para o ar, como uma folha. E pelo corredor ele se foi e se foi, desamparada folha, levado numa brisa de escura frialdade. Por fim foi ter a uma sala, onde sob um brusco jorro de luz dois jovens homens conversavam. Usavam aventais amarelos e óculos negros. Por trás dos óculos negros dois pares de olhos cintilavam com rígidos reflexos de garras.

E Emílio pediu timidamente para ver o corpo encontrado no rio. Um seu amigo desaparecera, talvez, quem sabe, nunca se sabia o que uma pessoa podia fazer. Simples afogamento? Suicídio? Pediu para ver o corpo que dera naquele dia entrada no necrotério.

Um dos jovens homens cravou-lhe com o seu duro olhar de vidro negro uma resposta dura:

— Está interessado em saber, velhinho? Pois pega a resposta e leva pra ti, na falta de coisa melhor: o único corpo que deu entrada esta semana no necrotério foi removido prà cidade. O rabecão levou ele prò Instituto Médico-Legal. Porra! — disse ainda o jovem homem. — Como gostam de perguntar coisas!

E o segundo jovem homem pegou Emílio pelo braço e disse assim:

— Vai saindo, velho. Já pegaste tua resposta, não tem mais o que fazer aqui. Vai, vai saindo. Pelo mesmo caminho por onde entraste.

E fechou a porta da sala. E Emílio foi devolvido à frialdade escura do corredor. Na sombra ouvia-se o ruído impulsionado de um relógio, latejando. O tempo passava numa cremalheira.

EU estava em casa quando o telefone tocou. Emílio me contou (dessa vez ainda sem os detalhes) a história do corpo encontrado no rio. Ele Emílio estava saindo de mudança. O caminhão não podia esperar que ele fosse até à cidade e voltasse. Tinha de seguir para as montanhas com a sua mudança: as suas coisas. Que eu fosse verificar no Instituto Médico Legal o corpo levado da vila no camburão, o afogado (ou o suicida?) encontrado no rio naquela manhã. Não devia ter sido ainda cremado. Era preciso ver se era mesmo o cavaleiro Perlino, assim levado de volta para casa, fardo aliviado de si mesmo, nos ombros gelados da morte. O corpo que podia ser a prova de tudo: a identificação de um fim. A confir-

mação talvez de uma suspeita, desentranhada das profundezas de um adeus.

Saí à procura de Miguel Pompa. Devia então estar em casa: e estava. Contei-lhe apressadamente tudo; e numa corrida pressa, incendiada de apreensão e espanto, como se na explosão de um grito mudo quiséssemos sair de dentro de nós mesmos, nos mandámos correndo para o consultório de Dr. Inocêncio. Um aviso na porta (num papel dactilografado) dizia que por motivo de força maior ele se ausentara da cidade por tempo indeterminado. Favor não o procurarem na residência.

E agora? nos perguntávamos Miguel Pompa e eu. Para onde teria ido Dr. Inocêncio? Talvez trabalhar (como médico) na nova cidade-asilo, quem sabe? Ou para o lugar aquele do quadro, que já agora não sabíamos se existia mesmo, ou não existia: se era só um sonho tecido na roca lúdica do sono, ou só a fantasia fulgurante de uma mente em trevas, ou simplesmente e só uma assombrosa coisa real?

Não tínhamos tempo a perder. Rumámos para o Instituto Médico Legal.

Um jovem homem de avental amarelo e óculos negros voltou-se para outro jovem homem vestido como ele: como se estivesse de alto abaixo reflectido num espelho. Ou se fosse ele próprio um reflexo do espelho.

O primeiro jovem homem de avental amarelo perguntou ao outro:

— Que é que tu achas? Estes dois velhos estão perguntando pelo cadáver de um velho que se suicidou.

— Talvez tenha apenas caído no rio e morrido afogado — Miguel Pompa o interrompeu, lembrando-se de repente (como quem de repente vê latejar na treva um vagalume) que o cavaleiro Perlino não sabia nadar.

— E que diferença isto faz? — disse o primeiro jovem homem de avental amarelo. — Vê que graça? O velho pode ter morrido afogado.

— Afogado ou suicidado, aqui não deu entrada nenhum corpo de velho — disse o segundo jovem homem de avental amarelo.

E os dois, que reflectidos em si mesmos eram um só no espelho, puseram-nos para fora da sala (e do prédio), com os seus dois, em

verdade um só, sumário e inabordável olhar de lentes negras.

Demos em silêncio (Miguel Pompa e eu) uma volta pelo cais. Tentávamos pôr em ordem as nossas lembranças, caminhando dentro de nós mesmos como dentro de uma névoa. Em verdade não sabíamos mesmo que dizer um ao outro, já havíamos conversado tudo, a conversa quem sabe acabara para sempre. Talvez as únicas palavras que nos dissemos um ao outro foram na despedida (o aperto de mão sob o sol pálido), enquanto com os seus trémulos dedos o vento da tarde desfranzia no rio o silêncio das águas.

Dois dias depois (não voltei a ver Miguel Pompa) peguei as minhas coisas, pus em duas *valises* o tudo que para uma vida inteira era tão pouco, e que me parecia que dentro de mim mesmo e não nas *valises* eu guardava. Todavia levei comigo as *valises*. Peguei o trem e fui para o horto das Oliveiras, onde me instalei (talvez provisoriamente) numa pequena cabana abandonada. Improvisei com uma velha tábua sobre os joelhos uma mesa. E, embora já me houvesse jurado e prometido nunca mais

escrever, me dispus a escrever a história que eu vivera naqueles últimos meses. A minha vida chegara ao fim (81 anos) e eu precisava aproveitar para viver um pouco comigo mesmo. Escrever era uma forma de me reencontrar, de a mim mesmo dizer, eu e eu mesmo, só nós dois, por exemplo isto: E então? Tudo bem? Que tal ficarmos juntos um pouco?

No dia seguinte era capaz de Miguel Pompa ir me procurar no meu antigo quarto. Encontraria na porta o meu bilhete — *adeus, amigo.* E haveria de pensar que embora filhos eu não tivesse que de mim cuidassem, alguém (vestindo um avental amarelo) me haveria de ter levado para algum lugar. Talvez para a nova cidade-asilo. Talvez para o lugar recriado no quadro de Emílio, reencontro com o meu sonho. Que pensaria Miguel Pompa? E para onde iria ele, quando com a noite que chegava chegasse a sua vez?

Sob as oliveiras eu sentia tremular a paz do horto. Da pequena janela eu via lá fora o grande mundo. Uma noite me veio em sonho a visão de um verde campo sem fim. Chão pegado no sono, dormindo sob uma ondulante

relva estendida como um manto. Na distância a Lua era como um grande arco branco. Despertei num sobressalto. Abri a janela. Sobre o horto descerrava-se para a eternidade o céu. Um frio céu escuro. Um vento escuro carregava pelo céu a Lua. Na escuridão tamborilavam estrelas.

Sentei-me na cama. Comecei (poucas vezes me aconteceu isto) a pensar nos filhos que não tive. E me veio um consolo, como um pequeno cão que na escuridão me afagasse o pé. Talvez se eu tivesse tido filhos, quem sabe, eu com eles estaria mais sozinho que sozinho comigo mesmo estava. E era bom afinal eu estar sozinho comigo mesmo. Pelo menos assim eu tinha uma companhia certa.

Ouvi de repente na janela o rumor esquivo de uma asa. Algum pássaro nocturno? Era o rumor de uma esvoaçante lembrança que por um momento pousou na minha janela escura. As últimas palavras da carta (ou bilhete?) do cavaleiro Perlino. Não queria reencontrar o filho que tentara matá-lo. Tinha (caso o encontrasse) medo de perdoá-lo. E eu de

repente disse de mim comigo assim: Meu Deus, quanto ódio!

E assim isto dizendo, caí em mim — *Meu Deus*, Deus... Fazia mais de trinta anos que eu não me lembrava desse nome esquecido pela humanidade: pela humanidade que na sofreguidão ímpia dos espaços destruíra no céu o mistério das estrelas. E, cobrindo com as mãos os olhos, solucei na escuridão da cabana:

— Meu Deus, meu Deus, eu não quero ver mais nada!

Paris, 2 de Janeiro de 1988, 1.30 h.

OFICINAS
GRÁFICAS
DE LIVROS
DO BRASIL
LISBOA